

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**A DIMENSÃO RELIGIOSA HARE-KRISHNA NA PARAÍBA**

Saulo Duarte Lima Ribeiro

João Pessoa - PB  
2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**  
Saulo Duarte Lima Ribeiro

**A DIMENSÃO RELIGIOSA HARE-KRISHNA NA PARAÍBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa Religião, Cultura e Produções Simbólicas, sob a orientação do professor Dr. Severino Celestino da Silva.

João Pessoa - PB  
2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**A DIMENSÃO RELIGIOSA HARE-KRISHNA NA PARAÍBA**

Saulo Duarte Lima Ribeiro

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes  
professores:

---

Prof. Dr. Severino Celestino da Silva – UFPB  
Orientador

---

Prof. Dr. José Antônio Novaes da Silva – UFPB

---

Prof. Dr. Luzival Antônio Barcellos – UFPB

João Pessoa

2010

*Aos meus pais Raimundo Nonato e  
Vera Lúcia, os melhores mestres  
que um aluno poderia ter.*

## AGRADECIMENTOS

A Raimundo Nonato e Vera Lúcia, que me ensinaram que ética tem mais valor que milhões.

A Sarah, Daniel (*in memoriam*) e Renata, os melhores irmãos que alguém poderia ter.

A Dácio, Netinho e Davi, por fazerem minha irmã feliz.

A Sabrina, minha ante-sala do céu, aquela que o Senhor preparou para que meus dias fossem ainda mais felizes. Obrigado por me completar de forma tão perfeita.

A Eduardo, Betânia, Eduardinho, Rafaela, Mário, Andressa e Marquinhos, por complementarem minha família de forma tão graciosa.

À Conexão Nômades, ao Grupo da Onda e todos os agregados, por me fazerem tão bem. Obrigado pela sensação ímpar de sentir-me cuidado e pelo indescritível privilégio de liderar servos com tanto potencial.

Aos líderes Sérgio Queiroz, Daniel Correia, Jorge Noda e demais líderes da Igreja Cidade Viva, pelo exemplo prático de imitar a Cristo dia após dia.

A Zé Marcelo e Micheline, Vicente e Paula e James e Kalina, por serem exemplos de casais tementes a Deus.

Aos educadores e coordenador do Centro de Reabilitação Cidade Viva, pelo heroísmo, assim como aos dependentes químicos da Cidade Viva, porque também são heróis..

Aos funcionários da Fundação Cidade Viva, por me darem o prazer de trabalhar no melhor lugar do mundo.

A Ernesto Pimentel, pela amizade e imensurável apoio na monografia.

A Carlos André, pelo esforço ao qual jamais poderei agradecer de forma digna.

A Júlio César e André Cabral, por serem mais que amigos na Graduação; a Suzana, pela grande amizade no Mestrado e a Michael Seymour, por me oferecer as melhores aulas.

A Possebom e João Azevedo, pelo tempo curto, mas precioso.

Aos inúmeros que me fazem sentir a alegria do que é de fato ter amigos.

A José Antônio Novaes e Luzival Antônio, pelos preciosos comentários na Qualificação.

A Severino Celestino, por pegar um bonde andando e conduzi-lo de forma tão bela. Palavras não expressam a imensa gratidão pela orientação deste trabalho.

Enfim, agradeço ao homem que foi cravado em uma cruz, que padeceu a pior das mortes, que foi zombado, maltratado, humilhado injustamente e ainda hoje é ultrajado. Ao homem que lançou fora a minha solidão interior, que me deu motivos para viver e me deu a certeza de estar eternamente em sua presença. Ao homem a quem dedico o meu ser, meu futuro e meus sonhos. Ao homem que apesar de por tantas vezes eu ser infiel, ainda assim permanece fiel a mim – que me fez ser assim: morto, vivificado, transformado interiormente, em processo de crescimento espiritual, constantemente vacilando, porém continuamente arrependido e sempre perdoado. A Jesus Cristo, a quem sou eternamente grato e a quem buscarei demonstrar com minha vida esta gratidão!



RIBEIRO, Saulo Duarte Lima. **A dimensão religiosa hare-krishna na Paraíba.** João Pessoa, 2010. 76 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

## RESUMO

O Movimento Hare-Krishna, classificado como um tipo ortodoxo de hinduísmo vedantista (também chamado de Movimento *vaishnava*), é tido como de extrema importância junto às religiões no Ocidente devido não somente ao seu rápido crescimento e influência, mas principalmente devido ao seu aspecto constantemente destacado como exótico. Considerado o tronco principal do Hinduísmo, o Movimento atualmente está disseminado em quase todos os países e nas principais cidades do mundo. Chegando ao Brasil na década de setenta trazido por A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupāda, os “hares” (como também são chamados os devotos) tiveram boa receptividade do público ocidental. O Movimento começa a formar pequenos espaços de convivência em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, se estendendo depois para Recife, onde fundam o primeiro templo, no fim da década de setenta. Chegando à Paraíba no início da década de oitenta, o grupo anos depois abre seu templo e, também influenciado pelos Encontros da Nova Consciência, realizados em Campina Grande, posteriormente o seu seminário, este último sendo o único do Movimento no Brasil.

**Palavras-chave:** Hinduísmo. Templo. Devotos. Seminário.

RIBEIRO, Saulo Duarte Lima. **The religious dimension hare-krishna in the Paraíba**. João Pessoa, 2010. 76 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

### **ABSTRACT**

The Hare-Krishna movement, classified as an orthodox Vedantist Hinduism type (also called Vaishnava Movement), is considered of utmost importance in the Western religions, not only because of its rapid growth and influence, but mainly because of its constantly highlighted as exotic appearance. Considered the core of Hinduism, the Movement is being disseminated in almost every country and main cities of the world. Arriving in Brazil on the seventh decade brought by A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupāda, the "hares"(as they are also called the devotee) had good receptivity from the occidental public. The Movement starts to form small coexistence spaces in São Paulo, Rio de Janeiro and Salvador, after spreading to Recife, where they established the first temple, in the end of the seventh decade. Arriving to Paraíba in the beginning of the eighth decade, years later the group open its temple and, also influenced by the New Conscience Meetings, held in Campina Grande, lately its seminary, this last one being the only one from the Movement in Brazil.

**Keywords:** Hinduism. Temple. Devotee. Seminary

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 -</b>	A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupāda .....	30
<b>Figura 2 -</b>	Banho da Deidade em um templo Hare Krishna .....	35
<b>Figura 3 -</b>	Tilaka no rosto de Swami Prabhupāda .....	36
<b>Figura 4 -</b>	Chaitanya Mahaprabhu .....	41
<b>Figura 5 -</b>	Radha, companheira de Krishna .....	47
<b>Figura 6 -</b>	Cerimônia do <i>agni-hotra</i> .....	50
<b>Figura 7 -</b>	16º Encontro da Nova Consciência .....	60
<b>Figura 8 -</b>	Apresentação do altar com Deidades em Campina Grande ....	63
<b>Figura 9 -</b>	Devoto diante do altar com Deidades no templo em Campina Grande .....	65
<b>Figura 10 -</b>	Localização do templo e seminário .....	66

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
1.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA .....	09
1.2	OBJETIVO GERAL .....	13
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	14
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA UTILIZADA</b> .....	15
<b>3</b>	<b>O CONTATO COM O DIVINO</b> .....	17
3.1	A POSSIBILIDADE DA PESQUISA RELIGIOSA .....	17
3.2	SEDENTOS PELO SAGRADO .....	20
<b>4</b>	<b>ISKCON: DA ÍNDIA ÀS AMÉRICAS</b> .....	30
4.1	ORIGENS E CARACTERÍSTICAS DO MOVIMENTO .....	30
4.2	O DEVOTO E AS DEIDADES: CUIDANDO DO SAGRADO .....	34
4.3	PRABHUPĀDA E O OCIDENTE .....	50
<b>5</b>	<b>HARE KRISHNAS TUPINIQUINS</b> .....	55
5.1	DOS EUA AO NORDESTE .....	55
5.2	MATUTOS COM UMA NOVA CONSCIÊNCIA .....	58
5.3	DA EUFORIA AO SEMINÁRIO .....	62
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	68
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	70
	..	

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

No fim da década de 90 iniciamos alguns estudos relacionados ao sagrado e à relação do homem com o mesmo. Com o início da graduação em História, o interesse se tornou mais evidente, de forma que, em meio à nossa leitura, buscamos sempre inserir estudos que não ficassem limitados às questões históricas, mas que também envolvessem religiosidades, buscando direcionar o foco mais para as religiões consideradas não muito conhecidas pelos que não fossem pesquisadores da área. Em meio a tais leituras e observando o contínuo desenvolvimento de grupos religiosos na Paraíba, notamos a influência que o grupo de devotos comumente chamados de “Hare Krishnas” ou “krishnas” já exercia sobre os demais movimentos religiosos paraibanos, principalmente quando do evento religioso anual realizado na cidade de Campina Grande conhecido como Nova Consciência, do qual falaremos no decorrer do trabalho.

Devido também ao fato de termos estabelecido contato com alguns líderes hare-krishnas quando de uma participação no Encontro Para a Nova Consciência em 2006, buscamos conhecer um pouco da sua história, surpreendendo-nos ao constatar que raros seguidores conheciam os caminhos percorridos pelo grupo até a criação do Seminário nesta cidade, também ficando surpresos quando informados pelos próprios devotos que nada havia sido escrito neste sentido, nascendo então o interesse em pesquisar a história do Movimento de origem hindu, estudando suas doutrinas e analisando a sua peregrinação da sua terra natal até a chegada no Estado paraibano, assim como analisando sua atual condição ante a sociedade.

Boa parte do incentivo para a elaboração do estudo em questão também partiu do interesse em aprofundar o conhecimento sobre religiões não muito exploradas (refletindo, como no caso do Movimento em questão, na escassez de fontes de pesquisa), também influenciado pela criação do Programa de Pós-Graduação em

Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba e no desejo de montar um Projeto que trouxesse alguma contribuição para o referido Programa.

Acreditamos que um trabalho tendo por base uma documentação específica sobre a temática facilitaria a observação por outros pesquisadores que se interessassem em estudos na área, vindo o mesmo a se tornar mais uma ferramenta de suporte para que estes viessem a desenvolver suas pesquisas com mais fontes à disposição.

Das primeiras reuniões realizadas até a construção do seu seminário, buscaremos entender este Movimento, classificado como um tipo ortodoxo de hinduísmo vedantista (também chamado de Movimento *Vaishnava*) considerado de extrema importância junto às religiões no Ocidente devido não somente ao seu rápido crescimento e influência, mas principalmente devido ao seu aspecto constantemente destacado como exótico. Os próprios integrantes do grupo também consideram de extrema importância o Estado pesquisado, tendo em vista estar erguido neste o único seminário do seu Movimento no Brasil, localizado na cidade de Campina Grande.

Devido principalmente à carência de fontes de pesquisas, praticamente não se observa interesse dos acadêmicos e cientistas pela temática, posto que praticamente nenhuma fonte escrita fosse encontrada sobre a história do grupo no Nordeste, daí nossa atuação na busca por fontes orais, conforme explanaremos.

Contudo, a falta de pesquisas acadêmicas sobre o tema não interferiu no interesse da massa por religiões, filosofias e terapias da Índia (berço do Movimento aqui estudado) ou demais movimentos oriundos da China, Tibete, Japão e outros, tendo tal interesse se manifestado no Brasil como um fenômeno sociologicamente relevante desde meados dos anos 60, podendo ser observado pela adesão a religiões como o Budismo, a diversos grupos japoneses como a Seicho-no-iê e Igreja Messiânica, ao Hare-Krishna e à prática da ioga indianos, além das várias formas de meditação advindas da Índia, China e Japão, entre outras.

Não sendo diferente de outras áreas, desenvolveu-se, paralelamente ao crescimento destes movimentos, um mercado voltado para as tendências místicas, esotéricas, orientais e naturais como lojas, cursos, *workshops*, feiras, congressos, livros especializados e, claro, especialistas. O turismo também se beneficia muito

desta busca, promovendo cidades no interior do Brasil que estão direta ou indiretamente ligadas às crenças dos seguidores ou simplesmente que se mostram receptivas a Encontros onde são estudados tais fenômenos religiosos (caso da cidade paraibana de Campina Grande, onde efetuamos boa parte da pesquisa). Outro aspecto é a associação entre essas práticas religiosas e preocupações ambientais, tratada por *misticismo ecológico*.

Os devotos do Movimento tem características únicas que são classificadas como curiosas para os que não estão acostumados com práticas orientais. Muitos dos entrevistados chegam a entoar o mesmo mantra (palavra em sânscrito que significaria algo como “alavanca da mente”, é uma espécie de oração repetida pelo fiel a fim de ter um contato intenso com o seu Deus.) mais de 1700 vezes no mesmo dia.

As práticas rotineiras dos devotos costumam fazer com que os mais observadores os identifiquem de longe, como por exemplo suas cabeças geralmente raspadas (com um pequeno “tufo” de cabelo acima da nuca), roupas alaranjadas e alegres danças ante o tocar de instrumentos característicos da cultura indiana, chamando a atenção desde o observador mais religioso ao transeunte mais cético.

Poucos conhecem com profundidade suas crenças, mas os que escutam seus ensinamentos geralmente se vêem surpresos ao notar um discurso diferente do que geralmente se tem visto, posto que os devotos reverenciam uma divindade (ou diversas, depende da interpretação) que diverge das “tradicionais”, sendo esta retratada ricamente maquiada, tocando flauta e tendo a cor azulada, geralmente acompanhada por uma vaca, animal reverenciado pelos devotos como uma mãe, vivendo os seus seguidores a dedicar suas ações espirituais por completo à divindade adorada, colocando-se como servos que crêem haver encontrado nesta a mais sublime expressão da plenitude do conhecimento tão buscado pela humanidade. Outra característica comum aos devotos é o constante uso das palavras “namas te<sup>1</sup>” como saudação.

Uma questão bastante intrigante é quando buscamos analisar quais motivos haveriam para que uma religião védica milenar viesse a ser seguida em pleno século

---

<sup>1</sup> Em sânscrito, as duas palavras formam a frase “glória a ti”, saudação bastante comum entre os praticantes de diversas crenças indianas (POSSEBON, 2009).

vinte e um, no Estado considerado um dos mais pobres do Brasil e em um contexto cultural totalmente à parte do seu original, conquistando seguidores que em sua maioria não têm qualquer laço ou características comuns às dos devotos conhecedores das tradições orientais.

Mais intrigante ainda é saber que este mesmo Estado abriga, além de um de seus poucos templos no país, o único seminário do Movimento no Brasil, valendo a pena ressaltar que na América do Sul há apenas outros dois destes seminários (no ano de 2009 o Seminário passou a ter no templo de Nova Gokula, São Paulo, algumas disciplinas ministradas, de modo que este inicia a formação de uma espécie de *campus* de Campina Grande no Estado).

Devido ao direcionamento específico à história do Movimento no Estado da Paraíba, focamos como local de pesquisa o próprio Seminário de Filosofia e Teologia do Movimento, instalado em um grande terreno no Bairro Universitário, na cidade de Campina Grande e local de visita do pesquisador por diversas vezes a fim de fosse efetuada coleta de dados, não obstante a resistência dos envolvidos quanto à transmissão de informações, como veremos abaixo.

Em virtude do pouco tempo da introdução deste grupo religioso no Brasil (pouco mais de três décadas), pretendemos pesquisar as escassas publicações relacionadas a tal Movimento desde a sua chegada ao Brasil, utilizando seus primeiros escritos da década de 1970 até o momento presente.

Sabendo que nenhuma fonte escrita foi encontrada sobre a história desta religião especificamente no Estado da Paraíba, a fim de colhemos uma certa quantidade de informações trabalharemos principalmente com fontes orais, sendo tais fontes os relatos de alguns devotos ou simpatizantes que deram início às primeiras reuniões ou que estiveram presentes como observadores do surgimento e desenvolvimento do Movimento Hare-Krishna na Paraíba. Apesar das relevantes informações colhidas de poucos entrevistados, em sua maioria encontramos diversas dificuldades no colhimento destas fontes, tendo em vista que, exceto dois ou três informantes, pouco conteúdo histórico de valor para a pesquisa foi fornecido pela maioria dos entrevistados, que mostraram-se pouco dispostos a fornecer dados históricos relevantes ao pesquisador.

No primeiro capítulo buscaremos analisar, tomando como base os relatos de especialistas, a possibilidade da pesquisa crítica no âmbito religioso, levando em conta as discussões levantadas em relação a tal. Também buscaremos uma melhor compreensão sobre o que pesquisadores, líderes religiosos, sociólogos e filósofos conceituam por *religião* e os anseios daqueles que a vivenciam.

No segundo capítulo abordaremos as origens do Movimento na Índia e suas principais características. No decorrer deste e do terceiro capítulo, algumas perguntas darão corpo à pesquisa: Quais os principais fatores que haveriam atraído os primeiros devotos do Movimento Hare Krishna à Paraíba; quais são as mais notáveis características que diferenciam este grupo dos movimentos religiosos mais “comuns” ao Ocidente; como foram os passos iniciais do grupo até chegar ao local da pesquisa e quais as razões para a instalação de um seminário do Movimento na cidade de Campina Grande?

Em nossa conclusão apontamos o atual panorama do grupo no Brasil, o número aproximado de devotos e quais as mudanças na percepção da sociedade em relação ao mesmo.

Nossa intenção final é, se não chegarmos a um consenso, pelo menos oferecermos mais uma fonte de coleta para pesquisadores, de forma que estes possam extrair informações relevantes sobre a temática em questão.

## 1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar o conceito de *religião* e os fundamentos religiosos e organizacionais dos devotos do Movimento Hare-Krishna em Campina Grande, co-relacionando as crenças dos adeptos que estão relacionadas à organização, buscando detalhar o “*modus vivendi*” dos membros, além de procurar analisar possíveis dados que forneçam informações importantes sobre o Grupo, tais como: relatos bibliográficos, quantidade de adeptos e simpatizantes na região, entre outras informações.

## 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Explanar o conceito de *religião* para alguns pesquisadores desta área e membros do próprio grupo, tentando facilitar a compreensão do termo, abordando o que buscam os religiosos.

Sintetizar a história dos caminhos percorridos pelos integrantes do Movimento Hare-Krishna no mundo, colhendo informações sobre a atuação dos seguidores e por onde passaram e o que fizeram até chegar no local de estudo, analisando as escassas publicações relacionadas a tal Movimento no Estado.

Identificar os processos de acolhimento dos devotos na cidade de Campina Grande, analisando possíveis razões para ajuda de alguns cidadãos e rejeição de outros e o porquê de determinadas ações de acolhimento.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA UTILIZADA

Tendo em vista a carência de fontes escritas sobre os caminhos traçados pelo grupo no Estado pesquisado (resultado não só da jovialidade do grupo no Brasil, mas também à sua cultura de tradição oral, característica marcante e muito utilizada pelos devotos do Movimento), a fim de colhermos uma certa quantidade de informações buscamos trabalhar principalmente com fontes orais, sendo tais fontes os relatos de alguns devotos ou simpatizantes que deram início às primeiras reuniões ou que estiveram presentes como observadores do surgimento e desenvolvimento do Movimento Internacional Para a Consciência de Krishna na Paraíba.

Infelizmente encontramos inúmeras dificuldades nas entrevistas, de forma que os entrevistados não se mostraram abertos e toda informação era passada de forma superficial, não havendo o comprometimento por parte dos pesquisados no sentido de uma maior abertura que facilitasse a coleta de dados. Devido a esta situação e a fim de evitarmos problemas maiores, achamos por bem, além de buscarmos a maior quantidade possível de informantes (evitando possíveis erros quanto às datas e qualidade das informações), também mantermos os nomes dos informantes com quem mantemos contato preservados, sendo os mesmos substituídos por nomes fictícios. Apesar de tal questão prejudicar nossa metodologia, em sua essência a pesquisa não foi maculada, de forma que o máximo de informação colhida foi inserida no trabalho, não obstante o “mascaramento” das fontes.

Ainda no tocante à metodologia, no ponto posterior utilizaremos, como uma das bases para a pesquisa, os argumentos do sociólogo Émile Durkheim, dissertando acerca da finalidade da pesquisa neste viés e dos desafios da construção de uma pesquisa nesta vertente.

Em relação a uma pesquisa em que boa parte das informações são advindas de fontes orais (como neste caso), cremos que, por meio de um bom recolhimento de dados orais, é possível apresentarmos um trabalho com um conteúdo satisfatório e ao mesmo tempo nos oferecer uma boa estrutura metodológica, contanto que as demais fontes às quais já temos acesso sejam utilizadas de forma criteriosa e que as

informações colhidas possam de fato nos apresentar relevância inquestionável, concordando com a explicação do livro sobre História Oral da antropóloga Verena Alberti (2004, p. 36):

[...] no trabalho de pesquisa, uma única entrevista pode ser extremamente relevante, mas ela só adquire significado completo no momento em que sua análise puder ser articulada com demais fontes que sejam igualmente relevantes.

Boa parte dos dados foram gerados a partir de alguns encontros com líderes e devotos que, durante os anos de 2006 até o ano de 2009 cederam informações não só sobre os ritos e crenças do grupo, mas principalmente sobre sua história, tendo em vista que os entrevistados, em sua maioria, estiveram ativos no Movimento desde as primeiras reuniões neste Estado. Desta forma, utilizamos desde poucas informações transmitidas por meio de curtos telefonemas até participações que nos possibilitaram uma melhor coleta de dados. Não obstante os percalços encontrados na busca por informações (como dito antes, muitos mostraram-se indispostos a fornecer dados sobre a história do Movimento), em alguns momentos desfrutamos da sensação ímpar de comparecer a algumas reuniões e rituais do grupo, tal como a consagração de transferência de um devoto do “posto” de membro ao de monge, realizada em 2008, no templo pesquisado.

### 3 O CONTATO COM O DIVINO

#### 3.1 A POSSIBILIDADE DA PESQUISA RELIGIOSA

Antes de analisarmos a história do Movimento Hare-Krishna na Paraíba, é pertinente observarmos se de fato há real possibilidade de uma pesquisa crítica quando do âmbito religioso, tendo em vista ser esta área passível de discussões, posto que, desde o início do século XX, após a crise do positivismo, alguns pensadores passaram a discutir a possibilidade de estudo dos fenômenos culturais recorrendo a modelos tirados das ciências naturais, vindo estas então a contrapor-se às ciências do espírito, que já diferiam das primeiras pelo objeto, método e relação entre sujeito e objeto.

O questionamento quanto a esta possibilidade de pesquisa também parte da premissa de que, entendendo-se que toda religião toma para si o título de “mais verdadeira” que a outra, adentraremos na discussão quanto à validade de tal discurso. A reivindicação de verdade singular é compartilhada por todo sistema religioso que faz declarações sobre a verdade, sendo tal afirmação constatada até nas religiões chamadas “amplas” e “eccléticas”, como a que aqui abordaremos (Hare-krishnas), visto que expressam que a sua afirmação de que “há muitos caminhos para Deus” é a única verdadeira, excluindo as demais visões oponentes.

Esta discussão endossa os argumentos daqueles contrários à possibilidade da pesquisa religiosa, já que acreditam que o pesquisador adentrará em um discurso extremamente complexo, enveredando por uma área a mais, buscando não apenas a pesquisa no âmbito crítico amplo, mas mesclando diversas análises de determinados grupos para, finalmente, desenvolver o seu tema. Para esta avaliação da possibilidade da pesquisa, observemos o argumento de Giovanni Filoramo e Carlo Prandi (1999, p. 09):

A religião, enquanto distinta do objeto de fé (por sua própria natureza inacessível à pesquisa empírica), é uma manifestação antropológica e histórica que pode e deve, como qualquer outro fenômeno humano, se sujeitar aos métodos da pesquisa crítica. Dessa premissa nasce uma segunda, também importante e plena de conseqüências: a religião, como todo objeto submetido à pesquisa empírica, possui – qualquer que seja a maneira como a interpretemos – uma “estrutura” própria. Essa estrutura, como é típico do mundo empírico, pode ser decomposta e recomposta em subestruturas e agregados mais elementares. O dado religioso, nessa perspectiva, possui, então, sua “verdade”, que pode ser progressivamente desvelada, reconduzindo-a (isto é, reduzindo-a) a demais dados elementares subjacentes (sociológicos, psicológicos, antropológicos etc).

Tomando por base este argumento, notamos, então, que é possível estudar a religião e quaisquer de suas extensões (doutrinas, rituais e demais manifestações) no âmbito da pesquisa crítica, conqüanto seja mostrada a confiabilidade do intérprete, tendo este apresentado o máximo de imparcialidade e objetividade em sua pesquisa, tendo também buscado se esforçar a fim de que seja atenuada sua própria subjetividade e escolhas, traçando o seu caminho tão somente por meio da busca pela verdade (entendendo “verdade” como traçado histórico da pesquisa), que tentará demonstrar armando-se com os argumentos do seu estudo, descartando, então, a necessidade de adentrar na discussão quanto à validade da “verdade singular” de dado grupo religioso, atendo-se a uma análise crítica deste.

A partir do final do século XIX, com a constituição da Sociologia como disciplina autônoma, abre-se um novo espaço para o estudo, entre inúmeros elementos, do campo religioso, desta vez de forma intencional e organizada, como nos diz em **Domínios da História** Jacqueline Hermann (1997, p. 477): “Na medida em que as categorias social e sociedade encontraram espaço como objetos privilegiados de estudo, seus diversos elementos constitutivos – e entre eles a religião – passaram a merecer também maior atenção e estudos objetivos e sistemáticos.”

Filoramo e Prandi (1999, p. 21), concluem a questão apontando o que se deve esperar de um pesquisador em Ciências das Religiões: “Vale para a religião, como para qualquer outro aspecto da experiência humana transformado em objeto de pesquisa, o dito terenciano: *nihil humani a me alienum puto*; o que se exige do estudioso é que se aproxime com simpatia humana daquele que é o seu objeto de

estudo: nem mais nem menos.” Observemos que há uma orientação de que o pesquisador pratique uma espécie de “agnosticismo” metodológico, posto que aquilo que está em jogo não é o problema da “verdade” da religião analisada, tampouco a supremacia de uma metodologia em relação a outra, mas recorre-se ao instrumento que se mostrar mais apto para chegar ao objetivo interpretativo.

Em Durkheim (1989, p. 29), observamos que este, como sociólogo, primeiramente explana acerca da finalidade do seu estudo, justificando o seu viés diferente da história e da etnografia, o que não viria a interferir no interesse e no resultado final do trabalho, apontando este como sendo justamente a pesquisa efetuada:

Os problemas em que a sociologia se coloca são bem diferentes daqueles da história ou da etnografia. Ela não procura conhecer as formas antigas da civilização apenas no intuito de conhecê-las ou de reconstituí-las. Mas, como toda ciência positiva, antes de tudo, ela tem como objetivo explicar uma realidade atual, próxima de nós, por conseguinte, capaz de tocar nossas idéias e nossos atos: essa realidade é o homem e, mais especialmente, o homem de hoje, porque outro não há que estejamos mais interessados em conhecer bem. Sendo assim, a religião quando pesquisada não é estudada apenas pelo prazer de contar as extravagâncias e as singularidades que encerra. Se tomarmos dada religião como objeto da nossa pesquisa, é porque nos parece mais apta que qualquer outra para fazer compreender a natureza religiosa do homem, ou seja, nos revela aspectos essenciais e permanentes da humanidade.

Ainda analisando Durkheim, observamos que os estudos relacionados à religião representam uma face bastante ampla do seu pensamento. A partir do curso de 1894-1895, Durkheim faz uma “conversão” no seu itinerário intelectual no que tange aos estudos em religião, posto que o mesmo afirmara:

Até 1895 não consegui ter uma idéia clara do papel essencial que desempenhava a religião na vida social. Foi neste ano quando, pela primeira vez, encontrei a maneira de abordar sociologicamente o estudo da religião. Foi para mim uma revelação. [...] Esta reorientação se deveu inteiramente aos estudos sobre a história das religiões que acabara de empreender [...] (LUKES, 1984, p. 236).

Tratando das representações religiosas como constitutivas da sociedade, na mesma obra Durkheim afasta definitivamente a idéia de que religião, como freqüentemente colocada pelos contrários à pesquisa, seria nada mais que ilusão, mostrando que dificilmente um fenômeno observado de forma constante ao longo da história dos homens poderia simplesmente ser resultado de mero equívoco. Também há um choque com a teoria de que a ciência viria substituir gradativamente a religiosidade, tendo em vista que, apesar da tensão existente entre conhecimento religioso e conhecimento científico, estes devem ter respeitadas suas funções, não havendo permissão para que um de alguma forma possa interferir no outro.

Observamos que o estudo dos fenômenos religiosos torna-se objeto central da análise durkheimiana que, assim como também é observado na análise de Filoramo e Prandi, mostra de forma clara que este estudo é parte essencial das sociedades pesquisadas, destacando as comunicações com o sagrado como peças elementares para a base estrutural de um grupo social, conseqüentemente, a pesquisa destes fenômenos seria não somente possível, mas inevitável quando há o comprometimento com uma análise profunda da identidade de dada sociedade.

### 3.2 SEDENTOS PELO SAGRADO

Inúmeras são as tentativas de conceituar ou *explicar* a religião. Para Émile Durkheim (1989), a religião não poderia, de forma nenhuma, ser simplesmente resumida a um sistema de idéias, mas seria uma espécie de sistema de força, cuja função seria criar coesão. A categoria base da religião seria o sagrado, então os indivíduos buscariam na religião a sensação de “sair de si”, por meio da comunhão com o coletivo, através da alegria do contato com algo que é mais importante, mais sublime do que eles próprios. Esta experiência espiritual traz de volta a possibilidade da vida compartilhada, em um meio onde todos são iguais, participam de um mesmo ambiente e trazem consigo uma esperança de viver em comunidade, crendo em uma

vida social possível. Desta forma, entende-se que a religião é fato social e tem sua origem deste social, vindo a ser também um dos sinais da existência do mesmo

A religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente do seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais destes grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos [...] elas seriam coisas sociais, produtos do pensamento coletivo. (DURKHEIM, 1989, p. 38).

Na mesma obra, Durkheim (1989, p. 31) ainda procura quebrar a questão da superação doutrinária, afirmando que “[...] não há religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua própria maneira: todas respondem, mesmo que de modo diferente, às inúmeras condições da vida humana.” Durkheim repudia a idéia de “religião verdadeira” e “religião falsa”, entendendo que, vividas e compreendidas por pessoas diferentes e de contextos diferentes, umas podem ser ditas “superiores” às outras, pelo fato de abordarem questões mentais mais elevadas, tendo sistematização mais erudita, porém esta maior complexidade não é suficiente para colocar religiões em gêneros separados, pois todas são igualmente religiões. Também reconhece que a religião, acima de tudo, diz respeito ao modo como organizamos a nossa compreensão da realidade e, nesse caso, ela é precursora da ciência e não sua antítese. A religião interpreta o processo da cultura, dizendo algo sobre o significado de comunidade, expressando aquilo que é importante no processo cultural.

Weber (1991, p. 279), observa o universo das práticas religiosas, a princípio, como sendo usuárias da razão, pelo menos relativamente, e direcionadas ao mundo físico: “[...] ainda que não seja necessariamente uma ação orientada por meios e fins, orienta-se, pelo menos, pelas regras da experiência.” O autor observa que em todas estas práticas há carências ou um propósito ligado a um fim, cujo desenrolar, em sua grande maioria, tem alcance político e econômico, assim, a sua racionalidade é função da sistematização de diversas esferas da atividade humana como mostra de uma suposta liberdade do indivíduo na era capitalista, que instaura uma nova forma de

razão para a sua adequação individual e baseia-se somente em regras da lógica convencional e nos ritos de suas ações formais.

Embora, a rigor, não exista uma racionalidade da religião em Weber, a não ser como um tipo ideal, a idéia do irracional está embutida na do racional, sendo a religião, ao lado da ciência, uma esfera que tenta dar conta da irracionalidade do mundo. Por meio do estudioso do pensamento simbólico Gilbert Durand (1988, p. 16), este mundo está cercado pelo “sagrado”, por aquilo que é considerado divino, como vemos em sua obra:

[...] o termo significado, concebido na melhor das hipóteses, mas não representável, se dispersa em todo o universo concreto: mineral, vegetal, animal, astral, humano, “cósmico”, “onírico” ou “poético”. É assim que o “sagrado” ou a “divindade”, pode ser designado por qualquer coisa: uma pedra elevada, uma árvore gigante, uma águia, uma serpente [...] ou até mesmo através do apelo à infância que reside em nós.

Ora, vemos então que as manifestações do sagrado se demonstram em inúmeros indivíduos e culturas, de diversas maneiras, com sua dimensão e valor sendo também trabalhadas na relação do fiel com as mesmas, efetuada geralmente por meio do seu contato, da sua vivência com os ritos de sua crença, como novamente nos mostra Durand (1988, p. 17):

[...] o muçulmano que, na hora da prece, se prostra em direção ao Oriente, o padre cristão que abençoa o pão e o vinho [...], o ator que “interpreta” um combate ou uma cena de amor conferem, com seus gestos, uma atitude significativa a seus corpos ou aos objetos que manipulam.

Há ainda a explicação de que o mundo religioso é “regido” por uma legislação própria, claro que há interferência e a influência do grupo nas ações e reações de indivíduos em sua devoção, mas a estrutura individual não só do ser religioso, mas da religião em si é apresentada por pesquisadores, de forma que cada grupo tem suas particularidades, assim como os indivíduos que participam deste.

Filoramo e Prandi (1999, p. 09) confirmam esta observação, afirmando que os comportamentos e as crenças religiosas demonstram possuir uma lógica própria e condições próprias de auto-regulamentação, uma espécie de “mundo próprio”. Então, os fiéis buscam o sagrado e, neste encontro, chegam a um estágio de sentimento individual, com experiências individuais que refletem no grupo de convívio religioso; sendo assim, as ações externas supostamente não influenciariam o grupo, mas o desejo dos fiéis é que seu suposto contato com o divino tenha interferência externa.

O filósofo B. R. Tilghman (1994, p. 178-182) é bem mais direto, e ainda que não tente *conceituar* o fenômeno religioso, tenta explicar o que buscam os religiosos, qual a finalidade daqueles que recorrem à religião. Afirma que, para estes, a fuga do padrão científico e a necessidade de uma entrega a um deus vem do anseio em receber algo deste, crendo que há uma espécie de troca de favores, onde a divindade cultuada cuida do “jardim” (os homens) e estes em troca dão a beleza e o cheiro (a piedade, uma vida devota, consagrada ao divino):

As crenças religiosas são de uma espécie bem diferentes das crenças científicas e cotidianas sobre o mundo; elas desempenham um papel bem diferente na vida das pessoas. Elas não estão sujeitas a padrões de prova nem a uma possível revisão, ao contrário das outras, e condicionam a atitude da pessoa com relação à sua própria vida, a outras pessoas e ao mundo inteiro de uma maneira distinta das outras. [...] Na verdade, as pessoas religiosas crêem em Deus no sentido de confiar e em suas promessas. Deve, no entanto, haver mais nessa crença. [...] a condição da pessoa religiosa consiste em ver o mundo e reagir a ele de certa maneira, pensar o mundo como, por exemplo, estando aos cuidados de um “Jardineiro-mor”.

Nesta pesquisa, conforme já apontado, observaremos um grupo: o Movimento Hare-Krishna, que também será chamado de ISKCON (*Internacional Society for Krishna Consciousness*, denominação oficial do Movimento), uma dentre as inúmeras vertentes religiosas do hinduísmo. Para tanto, a fim de entendermos o caminho proposto, torna-se necessário inicialmente explanarmos o conceito de *religião no grupo*, visto que é nessa esfera que a discussão está inserida. Por meio deste conceito tentaremos facilitar a compreensão do termo.

Observemos o que diz o fundador e maior referência do Movimento Hare-Krishna, A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupāda (1986, p. 17) quanto às religiões e ao anseio dos que nelas estão: “[...] a busca dos homens é a tentativa da auto-realização e o restabelecimento da relação perdida com a Suprema Personalidade de Deus. Segundo a civilização védica, a busca da vida é compreender o relacionamento perdido com este Supremo.”

Conforme observaremos, o conceito de religião é diverso, pois, como sabemos, os grupos são inúmeros assim como suas doutrinas ou regras de fé, porém comumente estes grupos compartilham algo que os identificam como apresentando uma intenção semelhante, redundando em um mesmo direcionamento teórico.

Para o historiador e teólogo Júlio Andrade Ferreira (1992, p. 163), “a religião é o fim ao qual se dirige um movimento irreprimível do sentido humano, uma busca de sentido de vida e equilíbrio”. Segundo o teólogo Jorge Issao Noda (1997, p. 07), há uma característica comum aos que seguem todas as religiões: “[...] notemos que há algo que liga todas as religiões e que as identifica como tais: existe um Princípio ou uma Pessoa acima e além do universo material, e reconhecer ou adorar a este Princípio ou Pessoa satisfaz a certo anseio do coração humano.”

Para o historiador das religiões Mircea Eliade, há duas formas de manifestação de ser no mundo: a sagrada (manifestada pelas hierofanias) e a profana, explicando a idéia de sagrado por meio da análise dos seus elementos (símbolos, ritos, mitos, etc). Na sua concepção, o sagrado não é “o ser em si”, mas as suas representações são o que o torna de tal forma – e tais manifestações são próprias suas, ou seja: o próprio sagrado se revela ou se apresenta, “autorizando” o humano a conhecê-lo, como vemos em sua obra (1992, p. 13): “A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o *ganz andere*.” No seu discurso, Eliade ainda nos mostra que toda hierofania é real e verdadeira - e tais hierofanias originam as religiões; desta forma, sua obra se esforça em historiografar as hierofanias a fim de fazer a escritura da História das Religiões sem ignorar nenhuma forma religiosa importante.

Ainda analisando suas obras, vemos um forte apelo à observação da densa influência da religião na humanidade, de forma que deve-se combinar História com mitologias, teologias e o percurso seguido pelas instituições religiosas. Por entender a forte influência e fascínio que a religião provoca nos que as seguem, Mircea Eliade (1992, p. 16) opta por analisar a manifestação do sagrado no mundo mental dos seus seguidores, analisando a presença do transcendente na experiência humana, também entendendo que, tendo analisado seus contextos, a conclusão final é que, ainda que com inúmeras diferenças, sociedades diversas encontram na sua expressão a apresentação do *homo religiosus*, e então sua unidade no que tange à busca pelo sagrado:

Há uma diferença de experiência religiosa que se explica pelas diferenças de economia, cultura e organização social – numa palavra, pela história. Contudo, entre os caçadores nômades e os agricultores sedentários, há uma similitude de comportamento que nos parece infinitamente mais importante do que suas diferenças: tanto uns como outros vivem num Cosmos sacralizado; uns como outros participam de uma sacralidade cósmica, que se manifesta tanto no mundo animal como no mundo vegetal [...] damo-nos conta da validade das comparações entre fatos religiosos pertencentes a diferentes culturas: todos esses fatos partem de um mesmo comportamento, que é o do *homo religiosus*.

Eliade (1998, p. 296) ainda aponta para o fato de que, mesmo que haja (e de fato há), por meio da vivência diária, a contínua experimentação do homem à realidade profana, em contrapartida, este mesmo homem busca incessantemente a presença do sagrado a fim de encontrar a resposta para seu desejo de referência, e aqui surge a religiosidade, com seus símbolos e confissões, reconhecendo a inigualável condição das hierofanias; por meio das hierofanias consegue-se romper o espaço profano. O homem, por meio da transformação do seu espaço, consegue contato com o sagrado, e nas várias religiões, o território só é o território do fiel à medida que é por ele consagrado – e nesses espaços hierofânicos há a distinção clara do ambiente sagrado e ambiente profano: “a noção de espaço sagrado implica a idéia de repetição da hierofania primordial que consagrou este espaço transfigurando-o, singularizando-o, em resumo, isolando-o do espaço profano à sua volta.” Na busca

pelo sagrado, Eliade apresenta o homem que acha no lugar sagrado uma fonte de força conquistada por meio da sacralidade – e tal força e sacralidade podem ser “derramadas” sobre o devoto participante desta comunhão com o espaço sagrado – valendo então ressaltar a observação de que o espaço sagrado (também apresentado como a “região de excelência entre a terra e o céu”) em questão não é “escolhido” pelo homem, “mas desoberto” por ele a fim de atender à sua necessidade existencial, desejo maior do homem religioso (ELIADE, 1998, p. 296).

Pierre Bourdieu (2005, p. 46-48), traz sua observação acerca do papel do religioso e das práticas da religiosidade, apresentando as religiões como agentes manipuladores, utilizando a esperança como pano de fundo ou meio disponível para exercer o oportunismo, competindo entre si na busca da conquista por devotos ou “clientela”:

Observemos que, se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificativas de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Os leigos contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.

Não obstante a aparente antítese de Bourdieu em relação aos demais autores apresentados (no que concerne à importância da religião), no decorrer do seu discurso no trabalho em questão, observamos que, ainda que por inúmeras vezes a religião deixe o seu lado mercantilista aparecer de forma exacerbada, alguns resultados da sua ação na sociedade tornam-se positivos, posto que responde ao fiel com um convite à esperança e desenvolvendo a valorização do eu interior por meio desta perpétua relação homem-sagrado.

Enfim: o que buscam os religiosos? Envolvido em um desejado “relacionamento” com poderes considerados sobre humanos, o devoto estabelece uma dependência ou uma relação de subordinação à divindade. Essa relação se expressa através de emoções como confiança e medo, através de conceitos como

moral e ética, e finalmente através de ações (cultos ou atividades pré-estabelecidas, ritos ou reuniões solenes e festividades). Geralmente as as religiões reconhecem que há algo de errado com a natureza humana e oferecem propostas de salvação.

Nas Religiões Semíticas, de um modo geral, o problema está no fato de que a humanidade, desobediente a Deus, precisa ser liberta disso, restabelecendo o contato com este, então, o comportamento em prol do bem comum deve ser o mais perfeito possível. O Judaísmo conclama o povo a ser santo como Deus; na tradição profética, a boa conduta é mais importante do que o ritual e este não deve ser um substitutivo daquela. Já o Cristianismo conclama os seus adeptos a irem além da Lei: são chamados a uma conversão, abandonando a vida de erros e buscando um crescimento espiritual por meio do relacionamento com Cristo, vindo os fiéis, então, a terem no filho enviado à terra um real sentido para sua vida.

Em boa parte das religiões de matriz africanas, busca-se, por meio de rituais, uma “reconciliação” contínua com a divindade. Devido à sua diversidade cultural e tradição oral, não há como estabelecer uma única síntese doutrinária para cultos afro-brasileiros, tendo em vista que seus ensinamentos são passados por pais e mães-de-santo em seus respectivos terreiros, devido à sua autonomia. Em todo caso, algumas semelhanças interligam os cultos afro, tais como a existência de um mundo espiritual habitado por diversas forças, assim como a possibilidade de ligação entre os mortais e a divindade, havendo uma relação de comunicação dos devotos com seu objeto de devoção, a interação com o sagrado por meio de rituais segundo as perspectivas espirituais do religioso e, como crêem, quando há o desejo da divindade de comunicar-se .

Nas religiões indígenas brasileiras há uma multiplicidade de fatores culturais que também se reflete nas suas manifestações religiosas, de forma que a tentativa de classificar todas as manifestações religiosas destes povos em um único grupo seria incorreto. Ainda assim, há algumas tendências que são comuns aos grupos. Há um profundo sentido de sagrado nas manifestações indígenas; apesar de em algumas sociedades indígenas não haver a noção de um Deus criador, em boa parte dos casos há a noção de um Deus que cria e em seguida se afasta, intervindo entre os homens através de entidades que surgem como heróis. Grosso modo, poderíamos dizer que

não há separação entre sagrado e profano, pois tudo é sagrado, desde os elementos da natureza à própria noção de vida e morte, levando o fiel a mergulhar na sua crença como inerente ao seu ser.

No Islamismo há uma observação quanto ao compartilhar do sofrimento, considerando, por exemplo, o jejum como uma possibilidade para o fiel tomar para si parte do sofrimento dos menos afortunados; a caridade é a expressão maior para com as pessoas necessitadas. Nas Religiões Indianas, o problema é geralmente libertar-se das trevas da ignorância, sendo o divino o detentor de toda a sabedoria, passada ao devoto por meio da comunhão com este. O objetivo da libertação é melhorar a vida aqui e chegar a um paraíso último (lugar perto de Deus onde os justos habitarão eternamente), ou nirvana (plenificação em Deus dos que chegam à iluminação). Há diferentes maneiras de alcançar estas metas, mas em geral, excetuado o budismo primitivo, busca-se a ajuda de um deus, de forma que uma das marcas distintivas da religião é a confirmação em sua graça.

O religioso também pode buscar uma resposta às perguntas mais freqüentes do imaginário humano: “De onde vim? Para onde vou?”, ou tão somente deseja uma experiência com alguém que é perfeito e que teria (ou que seria) a resposta para suas dúvidas expressadas ou não, ligando um adorador à divindade através da observância de cerimônias ritualísticas e atos de devoção.

Também há os que buscam preencher vazios existenciais por meio da relação com a divindade, ou por meio da comunhão com os que praticam a mesma fé, facilitando seu convívio com o meio, posto que os que convivem com os que compartilham suas mesmas crenças seguem os mesmos ideais, pelo menos no tocante ao relacionamento com a divindade e sobre os pensamentos quanto a esta, demonstrando a sua convicção nos poderes que lhes são transcendentais.

Através da afirmação de um ser sagrado e com poderes sobre humanos, o ser humano consegue atribuir sentido metafísico às coisas. Este sentido direciona o indivíduo à extrapolação do sensorial. Fora disto, tudo é vazio e não há compreensão que abarque a “inexistência como existente” e o acaso como responsável por todas as coisas.

No movimento religioso aqui analisado (Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna: ISKCON), o objetivo primordial do devoto é obter firmeza, perdão, caridade, pureza, honestidade, controle dos sentidos, prudência, sabedoria, fidelidade e libertação da angústia. A religião impregna toda a vida sem nenhuma divisão entre sagrado e secular; diz respeito ao comportamento, e por isso a atenção maior é na conduta e não na crença no que se refere a doutrinas, defendendo que o eu é ilusório e deve ser substituído pelo amor e a benevolência para com os outros, tendo como prioridade a adoração às divindades. Conseqüentemente surgem as demais ações éticas, pautando-se na reta ação, que consiste em abster-se de tudo o que prejudique sua comunicação com o sagrado e o bom relacionamento com o semelhante.

Do ponto de vista das religiões, o ser humano possui razão e criatividade, busca sentido na vida, tem capacidade de fazer escolhas morais e é responsável diante da divindade por estas escolhas que fez. Nesse sentido, o valor do amor ensinado por esta divindade opõe-se ao mundo da sobrevivência dos mais fortes; no entanto, há algo na natureza humana que corresponde a esse valor, especialmente quando se observa atos de abnegação.

As religiões, ainda que não sincronizadas no todo, quase sempre irão apontar para a imagem que todos os homens possuem de um deus (ou de vários), também mostrando que as pessoas têm consciência de que à sua volta existe um leque muito amplo de possibilidade de escolher em que ou de que forma crer, quais as doutrinas e rituais seguir. Porém, todos, ainda que na teoria sejam radicalmente diferentes, na prática desaguarão em um mesmo ideal.

Finalmente, para os seguidores das religiões, a crença em uma ou mais divindades é o alicerce da humanidade e o fundamento primordial de todas as coisas. Destas crenças nascem práticas que quase sempre resultam em uma experiência pessoal de iluminação ou de salvação, além de grupos, comunidades, ritos e um novo estilo de vida que passa a ser praticado pelo fiel.

## 4 ISKCON: DA ÍNDIA ÀS AMÉRICAS:

### 4.1 ORIGENS E CARACTERÍSTICAS DO MOVIMENTO

O Movimento Hare Krishna originou-se na Índia, sendo parte de um contexto muito amplo e diversificado, constituído de múltiplas tradições religiosas, chamado “Hinduísmo”, inserido na Tradição conhecido como *Vaishnava*<sup>2</sup>. O Hinduísmo representa uma categoria ampla de crenças, a maioria das quais é panteísta<sup>3</sup>; apesar do grupo ser bem plural quanto às questões doutrinárias, conforme veremos adiante quando nos detivermos no estudo dos seus ensinamentos.



---

<sup>2</sup> O termo “Vaishnava” deriva-se de “Vishnu”, que é o aspecto imanente de Deus, presente na criação material.

<sup>3</sup> Panteísmo quer dizer que tudo (“pan”) é Deus (“teísmo”). Segundo esta crença, Deus “é tudo em todos”. Deus permeia, abrange e se encontra em todas as coisas. Nada existe fora de Deus, e todas as coisas estão de alguma forma identificadas com Deus. O mundo é Deus, e Deus é o mundo, ou tudo é Deus, e Deus é tudo.

Figura 1: A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupāda  
 Fonte: <http://namahatta.org>

Os seguidores do Movimento Hare Krishna (que comumente também é chamado por alguns devotos como *Ksrna*) afirmam que todo o conhecimento da ISKCON vem dos **Vedas**, as sagradas escrituras hindus que dissertam sobre inúmeros temas relacionados à vida humana, desde sua origem até a finalidade desta, sendo passado de mestre a discípulo, ainda hoje, através da sucessão discipular. Apesar de considerada pelos estudiosos como escritura hindu, os devotos Krishna's não a consideram como sendo, conforme relata o fundador do Movimento, A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupāda, no Sri Isopanisad (1999, p. 08-09):

Talvez você possa dizer que os *Vedas* são o conhecimento hindu, mas “hindu” não é nem uma palavra original da Índia. Não somos hindus. Nossa verdadeira identificação é *varnāsrama*<sup>4</sup>. *Varnāsrama* denota os seguidores dos *Vedas* [...] Existem quatro divisões da sociedade e quatro divisões da vida espiritual. Isso se chama *varnāsrama* [...] os princípios védicos são aceitos como verdade axiomática, pois não podem ter erro algum [...] não são compilações do conhecimento humano, pois vem do mundo espiritual, do Senhor Krisna.

A língua dos escritos considerados sagrados pelos hindus tem sua origem no período védico (desde a chegada dos indo-europeus à Índia, em cerca de 2.500 a.C. até aproximadamente o ano 1.000 a.C.) e é chamada de sânscrito védico, sendo considerada a mais antiga língua conhecida do tronco indo-iraniano, da família indo-européia, e tinha como finalidade tão somente a produção religiosa, como vemos a explicação do professor Fabrício Possebon (2006, p. 20): “A produção do período védico é toda religiosa, inserida naquela visão de mundo sacralizada, mantendo a tradição dos mitos e ritos. A experiência cultural do período védico está registrada na coleção em versos chamada Veda, termo sânscrito que podemos interpretar como sabedoria revelada”.

Inúmeras interpretações são colocadas para a raiz verbal sânscrita de *veda*; além do termo apresentado pelo professor Fabrício, algumas outras são apresentadas, todas elas com este sentido de conhecimento, posto que, para os hindus, qualquer

---

<sup>4</sup> *Varnāsrama*: A sociedade dividida em classes, de acordo com a aptidão de cada um.

conhecimento que se aceite é *veda*, sendo que os conhecimentos transmitidos nos *Vedas* são colocados como o original, devendo ser buscado e seguido.

No estado condicionado, o conhecimento da humanidade está sujeito à queda em inúmeros defeitos. Quando uma alma está condicionada, a mesma tem quatro espécies desses inúmeros defeitos. O primeiro é a impossibilidade de não cair em erro. Se errar faz parte da essência do homem, esta essência sofre o defeito típico da alma condicionada. O segundo defeito é iludir-se, acreditar em tudo o que não é: o *mâyã*<sup>5</sup>. O terceiro defeito é a propensão a enganar. Todo mundo está propenso a enganar os outros. Ainda que seja um tolo, o homem tenta passar para as pessoas que é sábio, por exemplo. O último defeito é a imperfeição dos nossos sentidos. Segundo esse ensino, tudo o que vemos é ilusão, então nossos olhos e demais sentidos são imperfeitos, já que não nos mostram a realidade das coisas. Quando alguém atinge a plenitude espiritual, o conhecimento védico, sua alma deixa de ser condicionada e passa a mostrar-se liberada, entendendo a realidade da vida, a realidade que não vemos com os olhos enganosos, mas com os olhos interiores, que estão conectados à espiritualidade.

Dâmaris Daher é, além de estudiosa do Movimento Hare Krishna, seguidora do grupo há mais de dez anos, quando ainda criança começou a freqüentar as reuniões, sendo levada pelos pais, simpatizantes do Movimento.

Através do depoimento de Dâmaris, observamos a preocupação religiosa em demonstrar respeito e fidelidade à divindade, também ressaltando a grandiosidade desta diante dos seus seguidores, continuamente exaltando o nome de Krishna, questão indispensável na sua religião, como vemos (informação verbal<sup>6</sup>):

Krsna, muito embora seja o Senhor Supremo, É também uma personalidade, ou seja, uma pessoa. Ser um devoto vaisnava, popularmente conhecido como Hare Krsna, é servir a Krsna e ter consciência que não existe diferença entre Krsna e todos os outros nomes de Krsna – todos levam a Ele.

---

<sup>5</sup> *Mâyã* significa aquilo que não é. Todos aceitam o corpo como sendo seu, mas na verdade o homem não é um corpo, o corpo é uma ilusão.

<sup>6</sup> Esta informação nos foi passada em 06 de maio de 2009. Como informado anteriormente, o nome da informante foi modificado.

Exatamente por isso, dentro da filosofia a importância de entoar os mantras sagrados é sempre ressaltada e recomendada a aqueles que estão iniciando os primeiros passos no caminho da Bhakti Yoga.

Apesar da já comentada escassez de registros históricos quanto à história do Movimento no Brasil, também vemos como característica marcante entre todos os devotos entrevistados a sede por conhecer sua história, de forma que constantemente há citações acerca do pouco que se conhece sobre os caminhos do Movimento desde sua origem até então. Em seu discurso durante sua entrevista, Dâmaris Daher ainda nos apresenta uma outra característica dos seguidores que, neste ponto, tornam-se iguais aos seguidores de algumas outras religiões: o desejo quase sacramental de visitar as terras por onde os seus líderes passaram:

O Senhor Kṛṣṇa esteve na Terra há muitos e muitos séculos, mas todos os lugares pelos quais passou ainda são adorados por Seus devotos. O meu desejo e certamente de todos os seguidores é o de visitar os *dhāmas* por onde ele passou. Mathura e Vṛndāvana, locais onde ele nasceu e viveu sua mocidade, são considerados *dhāmas* (solos sagrados) e locais de peregrinação. A cidade de Mayapur, onde Chaitanya Mahāprabhu (a última aparição de Kṛṣṇa na Terra há cerca de 500 anos) apareceu e fez renascer a fé nos Santos Nomes de Kṛṣṇa, é também um importante local de peregrinação.

Quando as escrituras védicas falam sobre Vṛndāvana, continuamente comparam a cidade material à cidade espiritual. Para os devotos, como uma é reflexo da outra, visitar este solo considerado sagrado seria como entrar em uma espécie de dimensão onde vivencia-se a presença da divindade junto ao seu devoto, de forma que é recomendado que todos os devotos vaiṣṇavas pelo menos uma vez na vida visitem tais terras (costume semelhante à Meca dos Muçulmanos e à Israel dos Judeus e Cristãos). Estes passeios em torno dos locais de peregrinação são conhecidos como *Parikramas*. Segundo os depoimentos, durante o *Parikrama*, o seguidor conhece os locais onde Kṛṣṇa executou suas atividades, os rios e lagos considerados sagrados e também os Samadhis (monumento onde estariam os restos mortais dos mestres espirituais anteriores). Aqueles que fazem esta peregrinação

dizem voltar mais conscientes e próximos de Krsna, uma vez que puderam sentir o que chama de *shakti* (a energia) de todos os lugares especiais pelos quais passaram.

#### 4.2 O DEVOTO E AS DEIDADES: CUIDANDO DO SAGRADO

A adoração às chamadas Deidades é outro ponto muito importante dentro do Movimento, pois uma vez que esta Deidade é instalada (ser “instalada” é nada mais que ser colocada no templo, após uma cerimônia de fogo específica executada por um sacerdote), acredita-se que o próprio Krsna estaria no templo, tendo em vista que, para os membros, não há diferença entre Krsna e Sua manifestação. Isto implica que, para um seguidor do Movimento, adorar à Deidade é o mesmo que adorar ao próprio Krishna.

Durante o processo de adoração à Deidade, são oferecidos elementos que lembram ou que são originários dos solos considerados sagrados, como a *tilaka* (espécie de argila utilizada pelo vaishava para marcar o corpo), que é extraída de rios chamados sagrados pelos indianos além de outras colhidas de rios indianos tradicionais (o mais popular, Ganges). Os elementos são oferecidos à Deidade através do canto de mantras direcionados a um pouco de água.

Entre as inúmeras demonstrações de fé perante a Deidade, há o cuidado com a imagem, de forma que, como parte da rotina do templo, há o banho da mesma, um momento íntimo no relacionamento do devoto com o próprio Krishna. Por meio de diferentes oferendas o fiel demonstra sua devoção. Geralmente são utilizados leite, iogurte e mel. Depois do banho, a água, que se torna sagrada após o ritual, é bebida pelos devotos. Para os seguidores, este tipo de adoração é uma recomendação divina que deve ser seguida. Na forma de Deidade, Deus permite um relacionamento pessoal por meio dos rituais. Para os Hare krishnas, até se poderia ter esse relacionamento sem precisar das Deidades, mas como a capacidade de meditação nessa era é limitada, esse processo é recomendável.

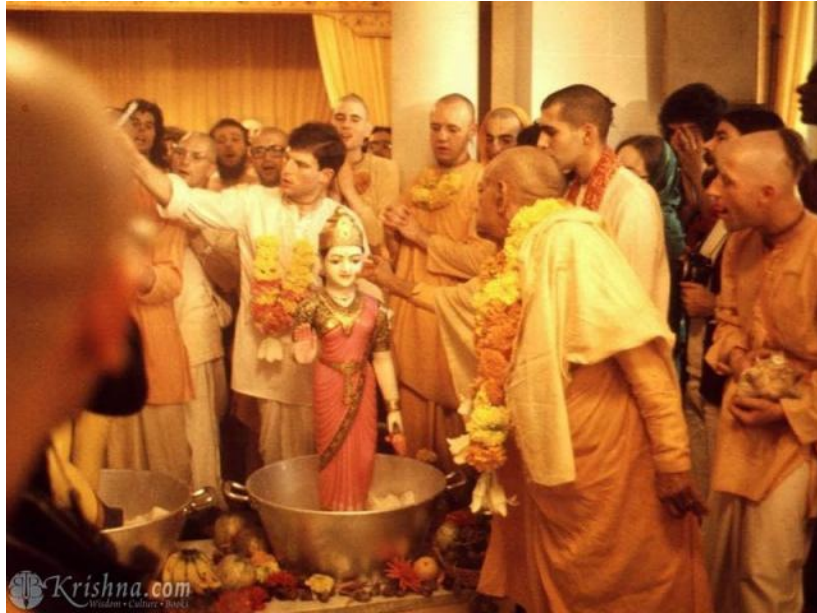


Figura 2: Banho da Deidade em um templo Hare Krishna  
 Fonte: <http://www.harekrishnacuritiba.com/>

Apesar do ritual e da identificação do seguidor com o templo, para os vaishnavas avançados espiritualmente, pouco importa o local em que seu corpo físico estaria situado, posto que ele compreende que o corpo é apenas uma ilusão material, sendo assim, o que realmente importa é o fato de estar “consciente de Krishna” (lem comunicação intensa com o mesmo), não sendo necessário obrigatoriamente estar em um local sagrado. O devoto vaisnava acredita que Krsna é Onipresente e, portanto, onde quer que vá, ele sempre estará presente.

Aquele que segue os *sastras* (como são chamadas as escrituras), observam que antes de iniciar qualquer atividade diária dedicada às Deidades, deve estar limpo e descontaminado.

A limpeza do devoto implica em estar usando roupas limpas, estar banhado e ter o corpo marcado com as doze marcas feitas com a argila já anteriormente mencionada. O sentido da descontaminação é um tanto mais místico, pois implica em também ter o corpo sutil limpo. Essa limpeza é feita através de práticas ritualísticas que englobam o canto de mantras e também os movimentos conhecidos como *mudras* (gestos sagrados feitos com as mãos).

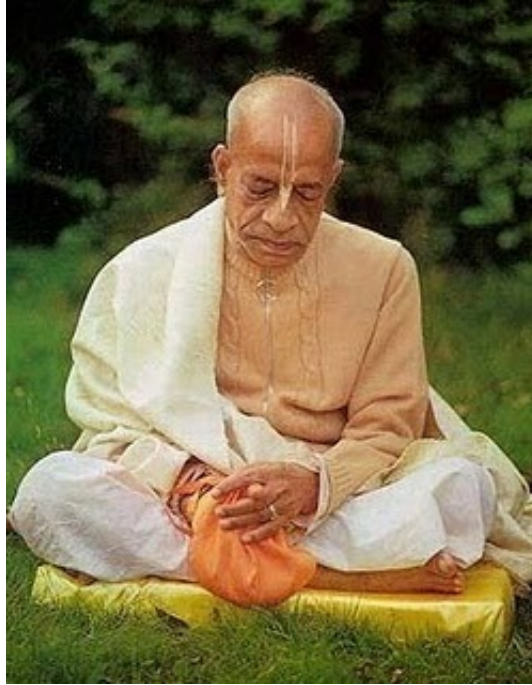


Figura 3: Tilaka no rosto de Swami Prabhupāda  
Fonte: <http://hinduvaishnava.blogspot.com>

Em relação às escrituras védicas, o devoto missionário Igor Fateev, conhecido no Movimento como “Pregador andarilho” (2004, p. 03) acompanha a mesma linha de raciocínio da grande maioria dos seguidores hare krishnas, crendo serem estas escrituras o conhecimento de Deus revelado por meio de palavras, tendo eles uma autoridade especial delegada pelo próprio Deus, constituindo-se palavra mais perfeita dele para com a humanidade:

Os Vedas são as escrituras mais antigas do mundo, mas sua data de origem nunca pôde ser fixada, nem poderá, pois eles são eternos. Enquanto outras religiões clamam que sua autoridade foi dada por Deus ou um representante dEle, os Vedas clamam que não devem sua autoridade a ninguém: eles mesmos são a autoridade, sendo eternamente o conhecimento de Deus. Eles nunca foram escritos ou criados, tendo existido por todo o tempo; assim como a criação é infinita e eterna assim também é o conhecimento de Deus. E esse conhecimento é o que significa Veda. Os Vedas formam um guia prático de como viver bem nesse mundo, com um mínimo de esforço e tensão, e ser elevado ao mundo espiritual (o reino de Deus) no final da

vida. Eles pavimentam o caminho para a liberação final pela boa conduta e, assim, sua mensagem passa por todas as barreiras de país, credo ou tempo. Eles são universais em seu significado e apelo, pertencem a toda a humanidade e são para todas as épocas.

Os vaishnavas consideram de extrema importância o respeito à tradição religiosa, que no caso dos Hare Krishnas é estabelecida através do *Parampara*, a sucessão discipular. Desta forma, os seguidores buscam conhecer os seus mestres ou gurus (também conhecidos como *samadhis*), crendo que desta maneira crescem espiritualmente por meio da meditação em suas existências.

Devido à crença de que o guru é o meio pelo qual há o crescimento espiritual, observa-se nos seguidores um descrédito quanto à capacidade do discípulo em adquirir o conhecimento. Os devotos do Movimento colocam toda a sua base doutrinária a cargo da sucessão discipular. Com a morte do guru, estes discípulos os sucedem, se tornando os novos guru, seguindo cada um o percurso que lhe parecer mais fiel à vontade do Supremo. Como há somente uma verdade a ser seguida, esta deve vir de fontes autorizadas, a fim de que não haja “contaminação” por ensinamentos que não os verdadeiros.

Muitos mestres classificam o *dharma*<sup>7</sup> como religião, ou seja, seguir o *dharma*, segundo ele, é seguir certos preceitos de fazer e não-fazer sempre com um objetivo único, a libertação. Quando o homem busca andar no caminho para a Verdade Superior, segue o *dharma*, e seguir o *dharma* é viver uma vida religiosa. Segundo o devoto Mário Sérgio, esta vida religiosa plena implica em abrir mão do que é impuro e colocar a “consciência de Krishna” como agente primordial da vida do seguidor: “A filosofia do nosso Movimento baseia-se no reestabelecimento da relação pessoal do homem com deus, a quem chamamos de Krishna, ou seja: todas as nossas atitudes devem estar pautadas na consciência de Krishna”.

---

<sup>7</sup> O Dharma ou Dhamma significa Lei Natural ou Realidade. Com respeito ao seu significado espiritual, pode ser considerado como o Caminho para a Verdade Superior. O *Dharma* é a base das filosofias, crenças e práticas que se originaram na Índia.

É observado comumente no discurso de muitos devotos um certo cuidado quanto ao que tem sido comunicado como prática dos devotos Hare Krishnas. Devido à complexidade das crenças e também ao próprio preconceito devido às práticas não tão comuns no Ocidente, nas entrevistas com os seguidores foi observado uma contínua preocupação em desfazer possíveis enganos quanto à imagem que se tem do Movimento para os que não o conhecem, como a devota Dâmaris Daher tenta mostrar:

Ainda que no Ocidente muitas vezes tenhamos o pensamento equivocado que o movimento Hare Krsna é unicamente baseado em rituais repetitivos, ele na verdade não o é. O vaisnavismo é uma forma simples e prazerosa de se servir a Deus através de seus servos. Krsna diz que é Seu servo aquele que serve aos Seus servos, portanto, nada se espera do devoto além de compaixão e desejo de servir ao próximo independente de quem quer que seja. Dessa forma, não podemos julgar a filosofia como sendo algo ritualístico e distante da sociedade. Para o vaisanava, cantar e pregar os nomes de Deus e servi-lo através de seus servos é bastante simples e proporciona o maior dos êxtases espirituais.

O conceito cristão e judaico de religião, que nos é mais comum, não se enquadra no Hinduísmo, mas isso não quer dizer que este não possa ser classificado como uma religião. Tudo depende do ponto de vista. Para os orientais, toda a prática ritualística contida nos Vedas é feita de maneira a contemplar e honrar as chamadas divindades. Para o hindu, *Deva*, que para alguns grupos religiosos é a expressão de Deus, significa "o brilhante" e não Deus. Mudam os nomes, mudam as pessoas, mudam os lugares e os rituais, mas a intenção continua sendo a mesma.

Durante o depoimento do devoto Wilckinson, vemos que, semelhante à visão de Mário Sérgio, a ISKCON se coloca principalmente como um modo de vida, como se, para que a vida de fato brote no homem e ele encontre a plenitude da alegria interior, ele deva encontrar o auto-conhecimento, revelado por meio dos *Vedas* e de todos os ensinamentos apresentados pelos *gurus* (informação verbal<sup>8</sup>):

---

<sup>8</sup> Esta informação nos foi passada em 21 de julho de 2007. Como informado anteriormente, o nome do informante foi modificado.

O Movimento hare-krishna é uma religião, mas não somente isso, o movimento é toda uma cultura, já que o conhecimento e suas práticas foram desenvolvidas e transmitidas na Índia antiga, onde a medicina, a cultura, os rituais, enfim: toda a prática do cotidiano das pessoas está diretamente ligado à religião. Tentamos vivenciar esta cultura no nosso dia-a-dia

Nas suas inúmeras correntes de tradições religiosas, O *Vaishnavismo* é a linha estritamente monoteísta do Hinduísmo. O *Vaishnavismo* não tem um registro de início. Os textos sagrados, muitos deles compilados em datas que remontam à era védica de cinco mil anos atrás, já oferecem o delineamento da doutrina, que antes era praticada e transmitida em via oral. Já na era cristã, o *Vaishnavismo* institucionalizou-se e associou-se ao sistema Vedanta de filosofia.

Formatado em quatro linhas principais chamadas *sampradayas*, O sistema de filosofia Vedanta tem duas linhas: uma estritamente filosófica e outra teísta. O *Vaishnavismo* é a linha teísta. A ISKCON é filiada à linha *Vaishnava* chamada *Brahma-Madhva-sampradaya*.

Embora lide com múltiplos aspectos do deus e das hierarquias subordinadas a ele, atuando em diversos caracteres de sua criação, o foco central da religião é estabelecer a relação com o Deus Uno. Quando o devoto encontra esta comunhão com o divino, sua alma é impelida a fazer não mais sua vontade, mas a vontade do seu soberano: a divindade. Havendo tal encontro, ocorre o que eles entendem como “transmutação de ‘consciência de ego’ para ‘consciência de Deus’”. O devoto entende que agora é um recipiente da graça divina com o fim de alcançar a liberação da existência condicionada nesse mundo material e ingresso definitivo no reino de Deus.

Os seguidores crêem que, diferente do universo relativo e sujeito às dualidades existenciais (bem e mal, prazer e dor, luz e escuridão, etc), o reino de Deus é um estado de existência absoluta, perfeita, eterna e cheia de felicidade. Enquanto o homem permanece no mundo de ilusão, supervalorizando o *eu*, fica preso ao contínuo ciclo de nascimentos e mortes neste mundo, experimentando aqui as suas delícias e inconvenientes de acordo com seus méritos e culpa. Cada vida lhe dá uma nova

oportunidade para purificar-se e, procurando o conhecimento sagrado, desenvolver a consciência de Deus. A mudança de atitudes, vivendo para Deus e não mais para si, se dá quando, pelo contato com o conhecimento revelado, pela misericórdia divina que chega ao indivíduo por diversos meios, é acesa no coração a chama da fé.

Para o devoto Raelisson Santana, o homem encontra-se na forma ideal para o auto-conhecimento; devido à sua alma estar presente em um corpo com estado elevado, o óbvio seria apresentar este corpo para uma vivência de purificação e consagração a Krishna, mas o homem limita sua visão e corrompe o seu corpo com o que o destrói, deixando de lado a busca pela auto-realização para gozar dos seus prazeres: “A alma espiritual é eterna; quando o corpo de hoje morre, a alma continua existindo, porém ela transmigra – a alma que está em um animal, por exemplo, evolui, até que possa chegar à forma humana de vida, a forma ideal para a auto-realização”.

Segundo os ensinamentos do Movimento, no ano de 1486, em Mayapur, na Índia, o intelectual Chaitanya Mahaprabhu teve uma reviravolta radical em sua vida, passando a manifestar uma natureza mística sem precedentes na história da humanidade, sendo considerado a encarnação da Suprema Personalidade de Deus. Mais da metade dos quarenta e oito anos de sua existência foram passados, na maior parte do tempo, relacionados a um êxtase místico de consagração ao seu Deus.

A forma como Chaitanya manifestava sua consagração ao Deus Krishna se fazia por meio do canto e da dança, conquistando rapidamente alguns adeptos, que viam na simplicidade do método algo atraente, tendo em vista que não era necessário uma liturgia complexa para ser recebido pela divindade. A mensagem de Chaitanya resume-se basicamente na realização de que o método mais eficaz para que a humanidade restabeleça sua conexão com Deus é através do canto e meditação de seus santos nomes (Hare Krishna Hare Krishna Krishna Krishna Hare Hare Hare Rama Hare Rama Rama Rama Hare Hare). Cantando o mantra, a pessoa poderia redescobrir o seu eterno relacionamento com Deus, inexistente em sua plenitude neste mundo material.

Os santos nomes do Senhor, diz Chaitanya, possuem poder espiritual que atua na consciência, tornando-a cada vez mais ligada a Deus. Com a prática, obtém-se purificação, autoconhecimento, desapego às ilusões do mundo, renúncia, santidade,

paz interior e amor puro por Deus. Embora todos os nomes de Deus quando cantados trouxessem crescimento espiritual, Chaitanya recomendava o canto e a meditação no maha-mantra Hare Krishna.



Figura 4: Chaitanya Mahaprabhu (note a tilaka entre as sobrancelhas)  
Fonte: <http://www.telugupedia.com>

Além de ser monoteísta, outra característica marcante da Tradição *Vaishnava* é que, baseado na revelação, é transmitida aos devotos a noção de Deus como Pessoa, a Suprema Personalidade de Deus. Ainda que esta pessoa não seja corporificada e não sofra os males pertinentes aos humanos condicionados, tais como a propensão ao erro, ignorância e limitações, tem alguns atributos comuns aos homens, tais como carinho, justiça, amor, etc. Sua personalidade é infinitamente superior a qualquer referencial humano. Possuidor de qualidades ilimitadas e perfeitas, esse Deus é destituído de qualquer indício de limitação.

O conhecimento seguido pelo Movimento aceita que “tudo provém de Deus”. Em geral, o aspecto negativo da realidade é a ausência da contraparte positiva, assim como por exemplo, o fenômeno “escuridão” se dá quando a luz é bloqueada ou está inativa. O sofrimento, considerado muitas vezes como uma imperfeição na criação de Deus, tem, certamente, sua influência nos acontecimentos da vida, sendo esta

geralmente utilizada pelo próprio Deus para trazer purificação e crescimento espiritual aos devotos.

O que traz certa confusão para os que estudam o Movimento é sua diferente noção de monoteísmo: Apesar de ser único, o Deus que os devotos do Movimento seguem possui inúmeras manifestações (também conhecidas por *avatars*). Algumas destas manifestações vêm a este mundo e aqui exibem certas atividades (chamadas *lilas*), cuja única finalidade é atrair as almas condicionadas para a realidade transcendental eterna. Essas divindades também são chamadas de Deidades.

Os avatars têm, basicamente, três aspectos: o primeiro é seu aspecto impessoal (chamado de Brahman) - a energia cósmica, o resultado da soma de todas as energias, a Consciência Suprema, o Espírito Supremo; o segundo é o aspecto imanente (chamado de *Paramatma*), que participa intimamente na manifestação cósmica material; e por fim o Deus Transcendente (ou *Bhagavan*), a Suprema Personalidade de Deus, que age num espaço espiritual, realizando sua vontade sobre os que o seguem.

Para os devotos, Brahman é o suporte de tudo. O Movimento Hare Krishna enfatiza o aspecto pessoal do sagrado, pois só assim é possível desenvolver uma relação estritamente pessoal com Deus. Paramatma ou Superalma é o Deus Onipresente, atuante no coração de todos. Para aqueles que são indiferentes à Sua presença, fazendo mal uso de seu livre-arbítrio, Ele simplesmente age com justiça na hora de colher o que foi plantado. Aos que buscam a prática à fidelidade por Ele, certamente serão conduzidos no seu caminho por sua mão, livrando-os de todo mal que não os permissivos, utilizados para o crescimento espiritual dos seguidores.

O Conhecimento Védico é realmente volumoso e contém uma variedade de obras que abarcam tanto o conhecimento material como o espiritual. Certamente, a essência do conhecimento védico é a auto-realização e a realização de Deus e, conforme a doutrina de Sri Chaitanya Mahaprabhu, estas duas realizações são simultaneamente uma e ao mesmo tempo diferentes.

Toda a criação é simultaneamente Deus e também não é Deus. Sob a forma de Sua expansão energética, ela é Deus, mas porque a Personalidade de Deus situa-se à

parte de Sua criação, ela não é Deus. Em outras palavras, tudo não passa de uma emanção de Deus e de Sua energia.

Basicamente existem três tipos de energias do Senhor: a energia material (constituída de terra, água, fogo, ar, éter, mente, inteligência e ego falso); a energia marginal (ou os seres vivos que se tornaram encobertos por esta energia material); e a energia espiritual ou interna de Deus (que manifesta o céu espiritual de forma transcendental, muito além de nossa visão).

Toda a energia presente no universo é uma extensão de Deus. Isto significa que, como Sua extensão, ela é Deus também, mas simultaneamente não é, por que Ele existe à parte de suas energias. Como o próprio Mestre declara no **Bhagavad-gita** (2006, 9:4): "Por mim se expandiu o panorama do cosmos, mas nem para todos sou manifesto. Por meu poder se plasmaram as coisas, e estão em mim, eu, que eternamente fui e sou."

Desse modo, as entidades vivas estão completas em Deus e com Deus em qualidade espiritual, mas são diferentes d'Ele. Ele é o Todo Completo, e as entidades vivas são sua parte, são como pequenas belas porções de um sublime todo. Brahman é a grande verdade, mas é somente o estágio inicial de auto-realização. Realização do Brahman significa compreender que nosso eu é uma partícula minúscula de energia transcendental do Senhor, que está existindo dentro de um corpo material e seguindo apenas uma das etapas da sua história.

O corpo material é feito de energias grosseiras; terra, água, fogo, ar e éter; e de energias sutis: mente, inteligência e ego falso. O eu (que é consciente) na verdade não tem uma real ligação com estas coberturas grosseiras e sutis. O corpo material é cheio de designações, porém isso tudo não passa de fachada externa. Todas as entidades vivas estão iludidas, levando-as a pensar que "Eu sou este corpo". Na verdade, o eu é a alma consciente dentro do corpo. O eu é Brahman, espírito eterno. De uma maneira ou de outra, a alma caiu no mundo material e está passando pelas dores do corpo e da mente.

Identificando-se com o corpo e a mente, a alma enganosamente pensa que está sofrendo as dores do nascimento, velhice, doença e morte. Portanto, a alma está reencarnando de um corpo para outro, criando uma civilização iludida com sua

existência, voltada para satisfazer os sentidos materiais temporários, enquanto que o eu real está desprezado no seu interior.

Para que o seguidor alcance a consciência correta, a intenção dele deve ser a de dar prazer a Krishna, o desfrutador Supremo, e não de querer para si a vitalidade fornecida por Ele. Isto é avareza e ingratidão. A meta não é permanecer na plataforma mental ou material, mas alcançar o Supremo. Portanto, pode-se alcançar a auto-realização seguindo as instruções das escrituras sagradas, praticando a *yoga* e a meditação.

O *yoga* consiste no desapego de todas as ocupações sensuais. Para estabelecer-se em *yoga* deve-se fechar todas as portas dos sentidos e fixar a mente no coração e o ar vital no topo da cabeça.

Quando o devoto controla sua respiração, controla suas ansiedades e se desliga do mundo material, buscando um relacionamento de crescimento com Krishna, conforme nos dizem os textos sagrados: Aqueles que estão inclinados ao processo de restrição da respiração para permanecer em transe, praticam oferecendo no alento inspirado o movimento do alento expirado, e no alento expirado o movimento do alento inspirado, e assim acabam entrando em transe, suspendendo toda a respiração.

O homem que quer alcançar a vida verdadeira, imortal na própria morte; o seu espírito iniciou a derrota à morte; esse homem ingressa em mim, em minha paz. [...] É esta a senda suprema trilhada por todo homem que fecha os olhos ao mundo objetivo, que domina o seu coração e, pela força vital do Prana, aspirado e focalizado entre as sobranceiras, silenciosamente proferir o eterno mantra na consciência de Brahman. (BHAGAVAD-GITA, 2006, 8:10-12)

Pela prática do desapego, pela meditação filosófica e por se manter indiferente à energia material, o homem pode chegar a realizar Brahman e compreender sua verdadeira identidade espiritual eterna, à parte da cobertura do corpo e da mente. Situado transcendentemente, o eu pode progredir ao próximo estágio de auto-realização, a compreensão de *Paramatma*.

Uma alma que encontrou a auto-realização sai da ilusão e passa a indagar: "Qual o dever, a natureza ou a atividade do verdadeiro eu espiritual?". Como

dissemos, segundo a literatura Védica, o eu é uma minúscula partícula do Eu Supremo, o Todo Completo. Sendo assim, sua função é cooperar com o Todo Completo. Quando a alma auto-realizada entra em si e aproxima-se da Alma Suprema, esta Alma Suprema pode manifestar-se dentro do coração do eu individual.

A porção de Deus que habita em todos os seres vivos é conhecida como *Paratma* ou *Vishnu*, conforme declarado no Bhagavad-gita (2006, 18:61):

O Senhor Supremo, o Mestre, está sentado dentro do coração de todos os seres vivos e está dirigindo suas andanças pelo universo. Através do *Maya*, sua manifestação cósmica, impele todos os seres a gravitarem em torno dele, assim como as periferias da roda giram em torno do seu eixo central.

Sendo assim, entende-se que o alvo final desta meditação é proporcionar o tão desejado encontro com o Deus que estaria no coração do devoto, formando assim um laço de comunhão entre o seguidor e o sagrado.

Auto-realização significa compreender no homem sua natureza eterna, mística, espiritual, divina. O eu, sendo uma parte e parcela minúscula do Senhor Supremo, deve caminhar em direção a uma realização interior a fim de não somente estabelecer uma comunicação com Ele, mas também de praticar atitudes que possibilitem um relacionamento como de um filho para com seu pai. Assim como a alma individual tem forma e personalidade, semelhantemente a Verdade Absoluta também tem forma e personalidade.

Para o Movimento Hare Krishna, todos nós possuímos uma identidade espiritual eterna, sendo necessário simplesmente aprender a deixar esta identidade temporária que nos foi designada corporalmente. Apreciando nossa identidade espiritual e também a grandeza da Identidade Suprema e trabalhando a nossa mente e coração, podemos seguir para avançar ao estágio mais elevado de espiritualidade, que é a realização da forma suprema do Senhor Supremo, a fonte de todas as energias. Por meio dele emanam todas as energias materiais e espirituais e é dele que nos expandimos, dele se expandem as formas *Vishnu* do Senhor e dele se expandem todas as encarnações do Senhor que agraciaram este planeta através da história.

A Suprema Personalidade de Deus é *Krishna* ou *Govinda*. É descrito como possuindo uma forma eterna de êxtase e conhecimento. Ele não possui origem, mas é a origem de tudo, a causa de todas as causas. É a Pessoa Suprema de quem todas as religiões autênticas estão direta ou indiretamente se aproximando. A meta mais elevada da vida é compreendê-lo.

Porém, compreender a Personalidade de Deus só é possível pela prática de *bhakti-yoga*, ou serviço devocional, então há uma união de Krishna com aquele que o venera, conforme declarado no *Bhagavad-gita* (cap. 18.55): “Quando o homem se integra em mim é um comigo; dele é minha Grandeza, meu Poder, meu Ser, minha Vida, minha Sabedoria, minha Beatitude”

Os devotos gozam de diferentes tipos de relações com Krishna. Destre os diversos tipos de relações, essas três são as mais íntimas: amizade, amor da mãe para o bebê e amor conjugal. O Senhor Krishna aceita esses três tipos de relacionamentos amorosos, que devem ser, definitivamente, destituídos de qualquer conotação material e todos somente são atingidos num estado de consciência pura.

O relacionamento amoroso conjugal é o mais rico e íntimo. Com base no princípio de que “tudo vem de Deus,” isso também deve estar necessariamente em Deus. Essas manifestações de Deus na categoria de Deus Transcendente Pessoal possuem a contraparte feminina.

A companheira de Krishna chama-se Radha, que é a personificação de sua energia interna de prazer. Conhecer e apreciar os intercâmbios amorosos do casal e desenvolver um sentimento e atitude devocional puramente espiritual constitui um dos aspectos mais confidenciais da devoção religiosa chamada “Consciência de Krishna”.

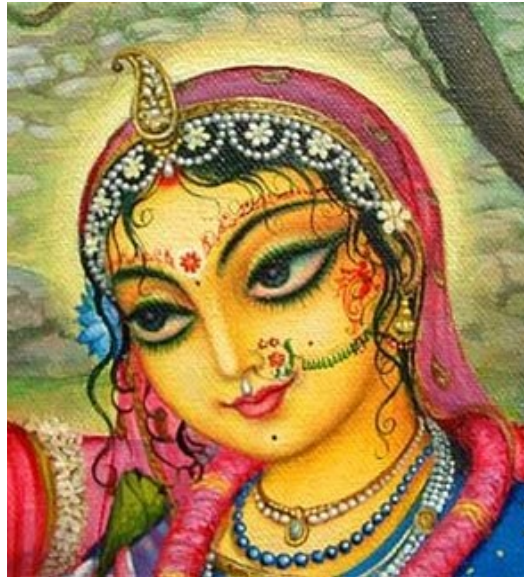


Figura 5: Radha, companheira de Krishna  
 Fonte: <http://www.instablogsimages.com>

Os textos sacros indianos são escritos em sânscrito, considerada por eles a língua original da humanidade. Ao ser posto em linguagem escrita, o *Veda* foi desmembrado em quatro: *Rig*, *Yajur*, *Sama* e *Atharva*. Todas são escrituras ritualísticas. Outra classe de escrituras são os *Upanishads*, de número impreciso, mas considera-se que existem 108 principais. São escrituras essencialmente filosóficas.

Existem, também, os *Sutras*, que são as referências dos principais sistemas filosóficos. Entre eles, está o *Vedanta-sutras*, composto pelo sábio *Vyasadeva*, que é o compilador da maioria desses textos sagrados. Os livros de lei, como *Manu-Samhita*, formam outra categoria especial. Há os épicos, *Itihasas*, cujos exemplos mais significativos são o *Ramayana* e o *Mahabharata*, que descreve a história da dinastia a qual pertencia o Senhor Krishna. Um dos capítulos do *Mahabharata* é o que trata dos ensinamentos de Krishna, conhecido como *Bhagavad-gita*.

Outra classe literária são os *Puranas*, contando dezoito ao todo. Os *Puranas* narram histórias dos avatares e de santos aliadas a ensinamentos filosóficos considerados demasiadamente profundos. O mais famoso e importante Purana chama-se *Srimad-Bhagavatam*, escrito pelo compilador dos *Vedas*, *Vyasadeva*. A

maior parte das histórias sobre a passagem de Krishna por esse mundo está descritas nesse livro. Essa obra está publicada em português em dezoito volumes.

Inúmeras outras literaturas são consideradas para eles, porém para o Movimento Hare-Krishna há as essenciais, aquelas que definem suas doutrinas, sendo: *Bhagavad-gita*, *Srimad-Bhagavatam*, *Sri Isha Upanishad*, a biografia de Caitanya Mahaprabhu chamada "*Sri Caitanya-charitamrta*," e outras obras de autores da linha.

A Tradição Vaishnava também caracteriza-se pelo uso de imagens, também chamadas Deidades, para a adoração no templo ou privadamente. Essas formas de diferentes aspectos da Divindade, como Krishna, Rama, Vishnu, Nrsimha, etc., são detalhadamente descritos nas Escrituras.

Muitas vezes os devotos recebem críticas pela idolatria, tendo em vista tal atitude diante das imagens, porém se defendem dizendo que a diferença entre a idolatria e a adoração das Deidades é que, no primeiro caso, concebe-se uma forma e ritual para se adorar a um Deus imaginário, enquanto que no segundo caso, segue-se estritamente o procedimento estabelecido nas Escrituras para esse fim, procedimentos esses incrivelmente elaborados, exigindo muitos cuidados e um especial estado de consciência para lidar com os objetos de adoração. A idéia subjacente dessa forma de adoração é que Deus está presente naquela forma particular. Ele é Onipresente. Estando presente em todo lugar, Ele, certamente, está presente na Deidade, principalmente, sendo considerado o fato de que essa imagem está sendo cuidada e venerada com consciência espiritual.

Com relação às atividades realizadas no templo Hare Krishna, a primeira cerimônia se inicia às quatro e trinta da madrugada, com um banho e a recepção do Deus no templo (cerimônia repetida diversas vezes no dia e chamada *arat*) aos devotos é proibido o consumo de álcool, cigarro e demais drogas, além de seguir-se uma dieta lacto-vegetariana. No altar são oferecidos alimentos, incensos e flores ao Deus, em horários estritamente estabelecidos.

Em todos os diálogos com os devotos, foi notado que, em seu discusso, é comum a visão do ritual como sendo a maneira mais sublime de devoção a Deus, como um instrumento a fim de elevar a consciência material até atingir o estágio de

plenitude do conhecimento sobre a divindade, de maneira que o fiel que busca relacionar-se com o sagrado se aproxima de fato não só para pedir, mas primeiramente para oferecer o máximo dele para aquele que tem como o seu Deus.

Também é prática do Movimento o ritual de iniciação, que é a formalização da conexão do devoto com a linha de conhecimento, descendo de mestre em mestre até tempos imemoriais. O devoto faz votos e torna-se um representante da Tradição. Nessa ocasião é feita uma cerimônia chamada *agni-hotra*, o sacrifício de fogo, que visa à purificação e espiritualização.

Além do colocado, há quatro virtudes que são consideradas os pilares de uma vida espiritual, sendo: austeridade, não-violência, limpeza e veracidade. Os devotos sempre procuram praticá-las, uma vez que elas favorecem e facilitam o desenvolvimento de uma espiritualidade saudável, consciente e sem fanatismos.

Para os devotos, a simplicidade está por trás de todos os pilares. Alguns homens, demonstrando esta busca pela simplicidade, raspam a cabeça, considerado um sinal de que a pessoa pretende desenvolver mais a beleza da alma que a beleza do corpo. Como em outras culturas também há o costume de raspar a cabeça – mas em reverência a deuses considerados falsos pelos hare krishnas, os devotos do Movimento usam a sikha, um tufo de cabelo atrás da cabeça.

Em relação às vestimentas, os celibatários vestem-se com roupas de um tom amarelo dourado, enquanto os casados vestem-se de branco. As mulheres vestem um pano chamado sáris, de 6 metros que é enrolado ao corpo – a marca vermelha na testa das mulheres é o que as identifica como casadas ou não. Para os devotos, suas roupas devem ser simples aos olhos dos homens e “sofisticadas” aos olhos de Krishna.



Figura 6: Cerimônia do *agni-hotra*  
Fonte: arquivos do pesquisador

O Movimento liderado por Chaitanya não só carrega consigo grande riqueza cultural por onde passa, como também trouxe consigo um grande impacto social no seu berço, posto que, conforme se desenvolvia, interferia no rígido sistema de castas que prevalecia no país naquela época.

Atingindo desde a realeza até as camadas populares, o Movimento Hare Krishna começou na região da Bengala (leste da Índia) e, a seguir, espalhou-se rapidamente pelo estado vizinho, Orissa, vindo então a, de forma dinâmica, conquistar mais adeptos e espalhar-se por todo o país.

#### 4.3 PRABHUPĀDA E O OCIDENTE

No dia 13 de agosto de 1965, poucos dias antes de seu aniversário de sessenta e nove anos, um *sannyasi*<sup>9</sup> da linha de Chaitanya, A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupāda, ex-farmacêutico, trouxe esse conhecimento para o Ocidente. Aos setenta

---

<sup>9</sup> *Sannyasi* (ou *renunciado*) é aquele que abdica de sua vida para consagrar-se à pregação das suas crenças, abandonando tudo aquilo que poderia vir a apegá-lo ao universo material (família, riquezas, etc).

anos de idade, tendo deixado a esposa e filhos seis anos antes, sem recursos ou qualquer apoio institucional, Swami Prabhupāda viria a desembarcar em Boston, nos Estados Unidos. Logo a seguir, radicou-se em Nova York e, por arranjo do destino, seu público foi quase que exclusivamente o mundo hippie, que naquela época, estava em seu auge. Sua mensagem era estritamente ortodoxa e apresentava valores praticamente diametrais aos cultivados pelos hippies. Mas, mesmo assim, surpreendentemente, sua mensagem teve um tremendo eco, certamente devido à genuína postura espiritual de Prabhupāda, atraindo aos que o encontravam.

Prabhupāda viera para o Ocidente a fim de estudar quais atitudes deveria tomar em relação ao desenvolvimento da sua crença. Para sua viagem, solicitou uma passagem gratuita a certa companhia marítima local, viajando como o único passageiro a bordo do pequeno e velho cargueiro de nome Jaladuta. Tinha como pertences uma mala, um guarda-chuva, uma provisão de cereais, o equivalente a cerca de sete dólares em moeda indiana e várias caixas de livros.

Quando o Jaladuta aportou em Nova Iorque, trinta e sete dias depois, Bhaktivedanta Swami estava completamente só. Sem qualquer conhecido nos Estados Unidos, também não tinha absolutamente nenhum meio aparente de subsistência, já que estava apenas com um escasso punhado de posses que carregara consigo a bordo do navio. Não tinha dinheiro, amigos, seguidores, nem sua juventude, boa saúde ou mesmo uma idéia clara de como cumpriria seu objetivo - apresentar o conhecimento dos *Vedas* ao Ocidente.

Logo após sua chegada, Bhaktivedanta Swami expressou sua fé em Sri Krishna por meio de uma poesia, escrita em 17 de setembro de 1965:

Meu querido Senhor Krishna... Como farei com que compreendam esta mensagem da consciência de Krishna? Sou muito desventurado, desqualificado e o mais caído. Portanto, busco Sua bênção de modo que possa convencê-los, pois não tenho poder para fazê-lo por conta própria. Tenho certeza de que, quando esta mensagem transcendental penetrar em seus corações, eles decerto se sentirão contentes e assim se livrarão de todas as condições infelizes da vida.

Sempre há dúvidas quanto à forma como chamá-lo e o significado do seu nome, mas geralmente os devotos relatam que “A.C.” é a abreviação de “Abhay Charanaravinda,” o nome de iniciação que lhe foi dado por seu mestre espiritual. Significa “aquele que é destemido aos pés de lótus de Krishna”.

O título “Bhaktivedanta” lhe foi concedido alguns anos depois em virtude de sua devoção (“bhakti”) e sua profunda compreensão das conclusões finais do conhecimento espiritual (“vedanta”). Ele recebeu o título “Swami” (que significa “controlador dos sentidos”) em 1959 quando aceitou a ordem renunciada de vida de *sannyasa*.

Finalmente, o título “Prabhupada” é um título honorífico que significa, “aquele que serve aos pés de Deus”. Para encurtar, acadêmicos às vezes se referem a ele como “Bhaktivedanta Swami”, e tanto acadêmicos como devotos se referem a ele como “Srila Prabhupāda”, o termo “Srila” é um título de honra que significa “eminente”.

Entre 1965 e 1977, Srila Prabhupāda propagou os ensinamentos da consciência de Krishna em todas as principais cidades do mundo e formou uma sociedade internacional constituída de uma boa quantidade de membros dedicados. Foram estabelecidos cento e oito templos, com propriedades espalhadas pelos seis continentes, circulando o globo doze vezes para orientar pessoalmente os participantes de sua expansiva missão.

Não obstante o trabalho de pregações, Srila Prabhupāda investiu em outras áreas, sendo nos escritos onde mais mostrou resultados: traduziu, escreveu e publicou cinquenta e um volumes de livros em vinte e oito línguas diferentes, com dezenas de milhões deles distribuídos em todo o mundo.

Devido ao seu carisma e inteligência para aproveitar as oportunidades que lhe surgiam no tocante à divulgação de sua ideologia, conseguiu proferir milhares de palestras, ganhando a estima de centenas de preeminentes acadêmicos e figuras influentes, que demonstravam apreço por suas contribuições para a cultura e religião.

Em 1966, Prabhupāda fundou a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON). De Nova York, à medida que seus discípulos espalhavam centros nos diversos continentes, Prabhupāda voltou à sua terra natal e estabeleceu alguns importantes centros de adoração ao seu Deus.

Ao fundar o ISKCON, Srila Prabhupada elaborou sete propósitos para a união com seu adorador no espírito de devoção, cultivando a pura consciência ao serviço amoroso de Deus. São eles:

1. Propagar o conhecimento espiritual entre as sociedades a fim de educar todas as pessoas nas técnicas da vida espiritual, restabelecendo o equilíbrio dos valores na vida e, finalmente, alcançando a verdadeira união e paz mundiais;
2. Propagar a consciência de Krishna, assim como foi revelada nas grandes escrituras da Índia, o *Bhagavad-gita* e o *Srimad Bhagavatam*;
3. Unir os membros da sociedade e torná-los mais próximos de Krishna. Isto fará com que cada alma (tanto dos membros, como da sociedade) seja parte integrante de Krishna;
4. Ensinar e encorajar o movimento de *sankirtana* - o canto congregacional do santo nome de Deus - tal como foi revelado nos ensinamentos do Senhor Sri Caitanya Mahaprabhu;
5. Erguer, para os membros da sociedade e demais, um local sagrado de passatempos transcendentais dedicado à personalidade de Krishna;
6. Manter os membros unidos com a finalidade de ensinar um modo de vida mais simples e natural;
7. Publicar e distribuir periódicos, revistas e livros com os propósitos acima mencionados.

Pouco mais de dez anos depois da fundação da ISKCON, no dia 14 de novembro de 1977, Bhaktivedanta Swami faleceu na Índia, com oitenta e um anos de idade. Algumas controvérsias cercaram sua morte, pois muitos devotos declararam que ele teria sido envenenado com arsênico, de forma que em 2000 autoridades indianas se pronunciaram, afirmando que sua morte fora em razão de sua diabetes não tratada.

Prabhupāda faleceu na Índia. Seu corpo permanece conservado em sal em uma tumba sob o templo de Vrindāvān. Antes de morrer, indicou um corpo dirigente de onze discípulos chamados de GBC (Comissão do Corpo Governamental) que

continuaram sua missão – eles se reúnem anualmente em Maiápur (Bengala Ocidental, Índia) para debater sobre as políticas comuns a todos os templos do mundo.

Ele é chamado atualmente de “Sua Divina Graça” por seus seguidores acreditarem que o mesmo foi um enviado em um estágio espiritual superior a qualquer outro homem, chegando a expressar uma veneração, tendo em vista o status dos mesmos diante dos demais homens. Vemos uma expressão disso quando, em 14 de novembro de 1977, dia de sua morte, diante dos consternados devotos reunidos em luto, o presidente da ISKCON de Nova York, Bati Mardan Maharaj, disse por ocasião da perda do líder: “Prabhupāda foi um gênio mundial, maior que qualquer outro homem que já existiu”.

## **5 HARE KRISHNAS TUPINIQUINS**

### **5.1 DOS EUA AO NORDESTE**

A história do Movimento no Brasil iniciou quando Prabhupāda ainda estava vivo, tendo passado por três momentos distintos. Inicialmente, de 1974 a 1977, observa-se a existência de grupos isolados que começaram a trazer dos Estados Unidos e da

Europa os livros de Prabhupāda para distribuição. A primeira atuação do grupo no Nordeste ocorreu em Salvador, e apesar de havermos tido contato com um dos personagens da época, a data é incerta, sabendo-se apenas que aproximadamente em 1975 um devoto do Hawaí procurou em uma Universidade alguém que pudesse traduzir uma palestra que ele daria, então foi apresentado a Ícaro (hoje conhecido como DSwamy), que já tinha certa afinidade com os costumes praticados pelos hare-krishnas, sendo também vegetariano.

Neste caso estudado, observamos que a religião que se mostra na contramão do que é apresentado tradicionalmente, tem poder de atração eficaz principalmente nos que já tem uma tendência à negação do que é seguido comumente pelos que não são devotos, de forma que tal modificação geralmente não é tão radical.

Na história do seguidor acima, pudemos constatar que o mesmo já tinha um estilo de vida que tendia às práticas seguidas pelo grupo (ainda que não os conhecesse). O devoto, além de seguir uma dieta alimentar macrobiótica<sup>10</sup>, já sendo vegetariano, também tinha um estilo de vida de práticas contemplativas, sendo observada a negação aos meios comumente associados às pessoas de mesma faixa etária. Com isso, não pretendemos dizer que o Movimento atinge somente pessoas com esta tendência, mas buscamos observar que quase todos os entrevistados declararam que não tinham um estilo de vida agitado, mas que sempre buscaram contato com a natureza e uma vivência tranqüila, sendo talvez atraídos em boa parte por este mesmo estilo vivido pelos integrantes do movimento.

Depois desse contato no meio da década de 70, oficialmente Phrabupāda envia um representante do grupo a São Paulo, a fim de dar início à tradução e publicação dos escritos do Movimento e oficialização deste no Brasil. São formados pequenos espaços de convivência em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, não havendo, ainda, qualquer templo organizado.

---

<sup>10</sup> Macrobióticos seguem uma dieta em que o ideal é que não seja consumido nenhum produto animal. Além de frutas naturais, o único adoçante usado na comida macrobiótica é xarope de malte de cevada.

Após 1977, já sob a autoridade de Hridayananda, um devoto norte-americano que ficou responsável pela região da Flórida e América do Sul, a ISKCON do Brasil experimentou um forte avanço. Começaram a surgir os templos, iniciando com a abertura de um em Recife, o primeiro templo do Movimento no Nordeste.

Vários templos começaram a surgir nas capitais e em outras grandes cidades. Esse período se mostrou como de institucionalização e crescimento. Utilizando marketing eficiente, os devotos se fizeram aparecer nos meios de comunicação, tendo sua “propaganda” facilitada pela forma diferente como se vestiam e pelas músicas atraentes. As pessoas se mostravam abertas para ouvir o que diziam aquelas pessoas com cabeças raspadas que abordavam os transeuntes.

Como falamos acima, grupos religiosos diferentes do que comumente é observado atraem interessados. Neste caso, devido à atração que proporcionavam, inúmeros livros de Prabhupāda foram vendidos, possibilitando uma forte arrecadação de recursos que trouxe condições para financiar tanto a manutenção dos templos que surgiam continuamente como a compra de uma fazenda no interior de São Paulo, construindo ali uma grande comunidade rural.

No início dos anos oitenta, era costume dos devotos de Recife peregrinar por algumas cidades fazendo apresentações de teatro, na tentativa de divulgar o Movimento e vender publicações. Em uma das viagens a Campina Grande, na Paraíba, os devotos conhecem três rapazes que se mostram interessados em conhecer o Movimento (devido às dificuldades já relatadas, só tivemos acesso ao primeiro nome dos envolvidos): Rosemberg, Francisco e Juarez. Devido ao trabalho secular, os amigos seguem caminhos diferentes, indo morar em outras cidades

Em julho de 1989, Juarez (como é costume no Movimento, o devoto muda seu nome a fim de demonstrar uma nova vida – neste caso, Juarez, agora iniciado, passa a ser chamado de *Yadu Vamsa*) viaja com a esposa à Cidade de Campina Grande a fim de vender livros do Movimento. Na época, o estudante Wilckinson costumava almoçar em um restaurante de comida natural, encontrando ali Juarez, agora um autêntico seguidor do Movimento Hare-Krishna.

Interessado, Wilckinson passa a conhecer o Movimento por meio do **Bhagavad Gita**<sup>11</sup> apresentado pelo devoto. Em dezembro de 1989, os dois mais uma vez se encontram e agora Wilckinson oferece seu apartamento, no Edifício Prata, no centro da cidade, para que fossem realizadas reuniões do grupo ali.

Com aproximadamente oito pessoas, as primeiras reuniões do Movimento na Paraíba ocorrem com a desculpa de um almoço vegetariano, havendo depois conversas sobre filosofia, religião e demais assuntos que chamasse a atenção dos “seguidores”.

Este tipo de reunião estratégica é comum em muitos grupos religiosos com poucos adeptos na região – a fim de que seja evitado algum tipo de discriminação ou atitudes contrárias, geralmente reuniões iniciais não são realizadas em templos, mas em casas ou ambientes mais “seculares”. No caso do Movimento pesquisado, a estratégia de discutir filosofia, meio ambiente e demais assuntos também tiveram sucesso, como veremos.

No início de 1990, Juarez volta às suas viagens e o monge *Datta Dasa*, de Fortaleza, é enviado a Campina Grande para continuar o trabalho com um pequeno grupo de estudos. Morando no apartamento de Wilckinson, o monge era constantemente indagado nas ruas sobre o porquê de suas vestimentas, respondendo geralmente com um convite ao apartamento para conversas sobre religião e filosofia, conseguindo desta forma um bom contingente de simpatizantes.

O grupo, formado por ateus, espíritas, católicos nominais, curiosos no estudo em religiões, entre outros, iniciava a programação com o almoço e encerrava geralmente em horário avançado, noite adentro. Alguns meses depois, o monge *Datta Dasa* retornaria a Fortaleza. Nos meses de dezembro, as reuniões eram apoiadas por devotos que vinham de Recife para vender livros, hospedando-se em uma casa no centro de Campina Grande de um conhecido de Wilckinson: Cláudio, que era apenas simpatizante e passou a ceder a casa para as reuniões aos sábados.

---

<sup>11</sup> O Bhagavad Gita, também chamado de “A Canção Sagrada” ou *Gita*, é uma das principais obras sagradas da Índia e compõe a principal obra do Movimento Hare Krishna. Considerado um livro emitido do céu aos homens, o livro trata do diálogo travado entre uma das encarnações de Vishnu e seu discípulo Arjuna, uma alma confusa que vem a encontrar iluminação por meio do auto conhecimento.

Nas vezes em que não podiam estar presentes, Wilckinson, agora não mais simpatizante, mas um devoto Hare-Krishna (como de costume, também passou a ser chamado por um nome hindu), era o líder que ficava à frente das reuniões, sendo auxiliado pelo professor Marcos, que depois de iniciado no Movimento viria a se chamar *Markandeya*, que tinha a função nas reuniões de levar os devotos a entoar cânticos, tendo em vista que sabia tocar violão.

Sendo as reuniões do sábado na casa de Cláudio, no domingo pela manhã estas eram realizadas na casa de Rosemberg (*Bega*), tendo os quatro como fixos e alguns amigos visitando freqüentemente a reunião, recebendo nos meses de dezembro o apoio constante dos devotos de Recife.

## 5.2 MATUTOS COM UMA NOVA CONSCIÊNCIA

Em 1991, durante o período de carnaval, acontece o primeiro Encontro para a Nova Consciência, um encontro intelectual e espiritual onde pessoas de inúmeras religiões e diversos grupos buscam, por meio de palestras e debates, entender o outro, sempre deixando claro que a intenção é agir com tolerância em meio às diferenças. O Encontro é organizado pela ONG "Nova Consciência" e, durante os dias em que promove o evento, busca transformar Campina Grande em um espaço para divulgação de cultura, arte, tradições religiosas e tudo o que diz respeito ao patrimônio cultural imaterial.

Com a pretensão de apresentar uma nova proposta de Cultura de Paz, o Encontro

é tido por muitos pesquisadores de religiões como um dos mais importantes eventos ecumênicos nacionais, sendo também considerado pela imprensa como termômetro do cenário religioso brasileiro e paraibano, ganhando bastante divulgação não somente pela mídia local, mas também propagado de maneira considerável por diversos veículos da imprensa nacional.

Nos dois primeiros Encontros os devotos do Movimento ainda não se viam estruturados a fim de terem uma participação relevante em meio aos demais grupos, de forma que se preparam para convidar um representante oficial do Movimento somente para o Encontro que viria a ser realizado em 1993. No meio do ano de 1992, com o casamento de Wilckinson e sua mudança para a cidade de Queimadas, as reuniões passam a não ter a mesma frequência de antes. No fim de 1992 Wilckinson retorna a Campina Grande e passa a receber os devotos de Recife em sua casa, no bairro de Jardim Paulistano.

No início de 1993 realiza-se o terceiro Encontro para a Nova Consciência, desta vez já com o grupo tendo previamente se organizado com a finalidade de divulgar o Movimento, principalmente com a vinda do *Guru Chandramanka Swami*, do Rio de Janeiro e um dos líderes do Movimento no Brasil.



Figura 7: 16º Encontro da Nova Consciência  
Fonte: <http://novaconsciencia.multiply.com>

Com a vinda do *Guru*, foi notória a evolução do Movimento Hare Krishna em Campina Grande a partir de então. Se antes o número de visitantes era satisfatório, já contando até com trabalho filantrópico de distribuição de sopa e agasalhos em favelas,

após o Encontro ecumênico mais interessados começaram a procurar os seguidores, tendo um repentino crescimento no número de simpatizantes.

No mesmo período, Wilckinson se torna amigo do Sr. Naim, proprietário do Hotel Mahatma Gandhi, no centro de Campina Grande. O Sr. Naim nasceu na mesma cidade de Krishna, na Índia, e apesar de não se dizer devoto do Movimento, se mostrou grande ajudador como simpatizante dos ensinamentos da religião. Tendo um contato maior com os devotos quando do Encontro para a Nova Consciência, o mesmo oferece o salão do seu hotel logo após o Encontro, a fim de que o grupo promovesse suas reuniões no local.

No primeiro sábado após o 3º Encontro da Nova Consciência, em 1993, há a primeira reunião oficial do Movimento Hare-Krishna de Campina Grande, no Hotel Mahatma Gandhi. Em torno de 50 pessoas passaram a se reunir no mesmo salão todos os sábados durante um ano, com a coordenação de Wilckinson e tendo como liturgia o cântico de mantras, com um pequeno grupo musical formado pelos devotos do local. Como parte da liturgia ainda havia a aula do Bhagavad-Gita, ministrada por um devoto trazido de Pernambuco com esta finalidade, sendo substituído pelo próprio Wilckinson quando da impossibilidade da vinda do devoto.

No ano de 1994, foi organizado um grupo com os próprios participantes de Campina Grande para distribuição de livros, que eram enviados da editora em São Paulo para a casa de Wilckinson e levados à rodoviária e ao centro da cidade, ficando a cargo dos devotos *Bega*, *Sandipani* e *Nanda Kumara* a distribuição. No Hotel, além da reunião em si, havia o momento considerado de suma importância - a *prasada*, quando os devotos se uniam para celebrar o alimento espiritualizado.

Ainda em 1994, tendo passado um ano de reuniões no hotel, o Sr. Naim, proprietário, conforme combinado um ano antes, solicita que o grupo, já organizado, tenha um lugar próprio, então os membros alugam uma pequena sala no centro da cidade, em um prédio em frente ao Edifício Prata.

Em 1995, *Atmarama*, sua esposa *Vishaka* e sua filha *Aja* vêm a Campina Grande a fim de exercerem a liderança intelectual das reuniões semanais. Em 1996 *Mahanama* e sua esposa chegam da fazenda em Caruaru para morar na cidade, indo

Wilckinson morar com estes no bairro de Alto Branco, para onde as reuniões foram transferidas.

Entre os anos de 1996 e 1998, Wilckinson viaja ao templo do Rio de Janeiro e à Índia, retornando à Paraíba apenas em 1999. Neste ínterim, as reuniões em Campina Grande permanecem sem o seu auxílio, somente sob a liderança de *Mahanama*, que também coloca um restaurante de comidas naturais (Restaurante *Govinda*, hoje fechado) em 1997, localizado em uma casa na Rua Venâncio Neiva, onde as reuniões passam a ser organizadas.

Com o contínuo crescimento de devotos, os líderes esperavam que este crescimento permanecesse, de forma que suas pregações pudessem causar uma mudança em toda a sociedade, trazendo a solução para o vazio interior e a falta de perspectiva quanto às questões espirituais. Os devotos pregavam que aqueles que atingissem a consciência de Krishna estariam salvos da escuridão da ignorância espiritual; os demais que não a aceitassem ou não buscassem compreendê-la estariam condenados a viverem coontínuas encarnações nesse mundo material.

### 5.3 DA EUFORIA AO SEMINÁRIO

O terceiro momento do Movimento no Brasil é o da consolidação que acontece na década de noventa. Não causando mais o impacto que causara quando ainda desconhecido, o Movimento deixa enfraquecer o aspecto inovador que atraía muitos curiosos, então começa a acomodar-se junto aos demais grupos religiosos já existentes, no interior de um campo mais amplo das demais denominações religiosas, passando a se encaixar como mais uma religião dentre várias ofertas existentes na sociedade brasileira, assumindo as características próprias de uma igreja.

Com o fim da euforia inicial, o Movimento deixa de crescer numericamente no Brasil, havendo inclusive um considerável decréscimo de devotos internos e de templos instituídos. Deixa de haver, também, a grande rotatividade existente anteriormente entre aqueles que entravam no movimento mas que não permaneciam por muito tempo. Esta queda na quantidade de interessados se mostra real também na Paraíba, onde a curiosidade sobre os devotos outrora considerados exóticos de

cabeça raspada e roupas laranja já não era evidente - e estes devotos já não eram vistos como tão exóticos.

Na década de oitenta, a ISKCON chegou a ter no Brasil dezoito templos urbanos além de uma comunidade rural em Nova Gokula, fundada em 1978, totalizando oitocentos devotos que viviam de maneira monástica (Guerriero, 2001). Hoje esses números são significativamente menores, com poucos templos e quase todos sofrendo dificuldades econômicas para seu próprio sustento, como ocorrido no Rio de Janeiro, quando o grande templo que o Movimento sustentava teve que ser devolvido devido à falta de recursos para o pagamento do aluguel, sendo as Deidades transportadas para uma pequena comunidade rural na região serrana.

Ainda que o Movimento em todo o Brasil passasse por inúmeras dificuldades financeiras, no ano de 2000, buscando formalizar a capacitação filosófica e teológica dos estudantes do Movimento o Mestre DSwami, juntamente com alguns poucos líderes que puderam contribuir, inicia a construção do Seminário Hare Krishna de Filosofia e Teologia em Campina Grande, por já haver ali um grupo razoável de fiéis e também devido à sua estratégica localização geográfica em relação aos outros estados e capitais do Nordeste onde o Movimento Hare Krishna tem suas congregações de devotos.



Figura 8: Apresentação do altar com Deidades em Campina Grande  
Fonte: Arquivo pessoal

Com carga horária de 10 meses para estudantes internos, os alunos concluem o curso Bhakti-Sastri e são então avaliados por professores autorizados pela sede americana da ISKCON. Caso alcancem a pontuação mínima de 65%, tornam-se graduados internacionalmente no estudo do Bhagavad-Gita, sendo assim considerados proficientes na literatura de Bhakti . Caso não sejam aprovados, recebem apenas o título nacional. Em 2001 foi concluída a primeira turma, com a aprovação de sete alunos no exame internacional distribuído em carga horária de 10 meses para estudantes internos e de cursos de extensão (há a possibilidade de fazer os cursos on-line e por correspondência postal).

Dswami, que atua como coordenador da Instituição pesquisada, mostra que a principal razão para a escolha de Campina Grande como sede do seminário é devido à sua localização estratégica (informação verbal)<sup>12</sup>:

A localização de Campina Grande é ideal por ser uma cidade perto de algumas metrópoles, mas não ser dentro das metrópoles, sendo também possível ter um espaço mais rural, porém perto do meio urbano, como é o nosso terreno; outra característica que nos aproximou da cidade é que tínhamos a pretensão de nos estabelecermos em um lugar com tais características, mas que na região não tivesse, de forma relevante, atividade social ou religiosa de nossa Instituição.

Vencendo paulatinamente as dificuldades de carência de recursos financeiros, o seminário vem conseguindo manter um ritmo de crescimento constante e hoje é tido como um exemplo concreto de uma vivência védica no Ocidente. O local recebe não somente devotos de todos os Estados do Brasil, mas também de vários outros países da América Latina. A comunidade conta, ainda, com dezenas de casas onde moram as famílias que optaram por uma vida estável e investiram na construção de suas residências no interior da fazenda.

Até a última pesquisa realizada dentro do Seminário (2009), haviam sido formados aproximadamente 140 devotos, número que pode não ser considerado

---

<sup>12</sup> Esta informação nos foi passada em 30 de setembro de 2007. Como informado anteriormente, o nome do informante foi modificado.

elevado para outros grupos religiosos, mas os líderes declaram que, em meio ao contexto em que a religião se insere, o número é bastante significativo, principalmente tendo em vista que aqueles que iniciam o curso não estão simplesmente iniciando um curso, mas adotando (pelo menos durante o ano em que está cursando) um estilo de vida totalmente diferente do que é considerado tradicional, fazendo o sacrifício de isolar-se de sua antiga vivência social. Anualmente são abertas 30 vagas para novos alunos.

O interessante é perceber que o número total de devotos, incluídos aqueles que não moram nos templos, é maior nos dias atuais. Porém, não há mais rituais em que se reúnem todos. Calcula-se que em São Paulo e no Rio de Janeiro existam em cada uma dessas cidades pouco mais de mil devotos de Krishna. Cidades menores como Florianópolis sequer possuem templos organizados, mas é freqüente reunir até setenta devotos em ocasiões especiais, todos moradores da cidade. Fora desses momentos esses devotos costumam reunir-se em pequenos grupos nas casas de amigos.



Figura 9: Devoto diante do altar com Deidades no templo em Campina Grande  
Fonte: Arquivo pessoal

No Brasil, segundo os devotos, o Movimento tem como autoridades superiores o chamado CGB ou Corpo Governamental Brasileiro, uma comissão de mestres que

constantemente observa os caminhos percorridos pelo grupo e propõe medidas que visem a permanência deste nos ideais de fidelidade às escrituras sagradas. Passam pelo CGB análises de publicações, tomadas de decisões complexas que possam interferir no Movimento e decisões administrativas, como a decisão de compra de terrenos ou propriedade para instalação de centros de devoção. No caso do terreno onde foram construídos o templo e seminário pesquisados não houve interferência direta devido aos recursos para a compra terem sido direcionados por um devoto local que recebeu uma herança e resolveu doar o terreno para este fim.

Localizada em uma área serrana da cidade distante do centro aproximadamente seis quilômetros, o Seminário ocupa uma bela área onde é possível observar boa parte da cidade e a circunvizinhança verde. Os devotos que moram ali tentam desenvolver um trabalho de preservação ambiental, procurando conscientizar os demais moradores da importância da questão ecológica. Porém, não há muita abertura por parte dos devotos para que outros momentos de integração e relacionamento da comunidade com a população circunvizinha aconteça.



Figura 10: Localização do templo e seminário  
Fonte: Google Maps

O engajamento ecológico tem sido, nos dias atuais, um dos expoentes da atuação da ISKCON na sociedade brasileira, com o grupo constantemente buscando

contribuir nas ações neste sentido, como diz Silas Guerriero, (2001, p. 53) em sua pesquisa:

Em vários momentos de lutas ambientais nas grandes cidades os devotos se fazem representar, dançando e cantando seus mantras com suas roupas alaranjadas e cabeças raspadas. A sociedade civil já conta com a atuação da ISKCON nestes eventos, e sua presença passa a ser um componente não contrastivo da paisagem. A diminuição do número de templos e a difusão do número de devotos externos demonstram uma mudança profunda no perfil de atuação da ISKCON no Brasil. Até o final dos anos oitenta era valorizada e incentivada a conversão do devoto. Dentro dos moldes de uma seita o devoto se sentia obrigado a abandonar família, estudos, emprego, amigos e todas suas atividades anteriores, que passavam a ser vistas como *maya*. A conversão se completava com uma nova vida monástica, novo nome e todos os rituais de iniciação. Atualmente existem programas de reunião de devotos externos, aqueles que se identificam com a ISKCON mas não abandonam suas famílias e atividades. Se antes estas pessoas eram discriminadas, hoje são até incentivadas a esse tipo de participação.

Devido à necessidade de uma estruturação econômica, é cada vez mais complexa a manutenção de templos com número grande de devotos. Conforme observamos, as fontes de renda para tal tornaram-se escassas nestes últimos anos. Nos primeiros momentos, os templos eram mantidos basicamente pela venda de livros e incensos, além de doações esporádicas realizada por devotos que se convertiam. Atualmente, a pregação nas ruas e a conseqüente arrecadação monetária proveniente da venda de livros é cada vez mais difícil. Como em uma república estudantil, os matriculados no Seminário dividem as despesas do Seminário. Geralmente, uma semana por mês é separada para venda de livros, incensos e balas de gengibre. Alguns seguidores também ajudam na manutenção e as famílias de alguns devotos seminaristas doam o que seria a mensalidade, mas são poucos os recursos provenientes desta fonte.

Com relação à estrutura do Movimento atualmente no Brasil, Guerriero (2001, p. 54) atenta para a mudança da percepção das pessoas em relação aos devotos, não mais havendo o espanto, a surpresa com o modo de vestir e os costumes, refletindo no caso deles na pouca quantidade de interessados na religião:

A presença da ISKCON em nossa sociedade é quantitativamente desprezível, mas representa algo significativo não só pela manifestação de entusiasmo de seus adeptos, mas pela contribuição dada por elementos de sua teologia ao quadro cultural religioso mais amplo. Hoje ninguém se espanta ao ver um hare krishna na rua, mas fundamentalmente, suas concepções e visões de mundo deixaram de ser simplesmente exóticas e fazem parte do universo de crenças da população em geral. Os traços culturais do Oriente védico estão agora incorporados à sociedade brasileira.

Os seguidores de Krishna fazem parte de uma micro sociedade consolidada, sendo atualmente vistos com respeito pelas outras religiões, pelos líderes políticos, pela imprensa e pela opinião pública, também conquistando um espaço na nossa sociedade, não tão védico mas sem dúvida diferente e complexo.

Não só a maneira como o conhecimento védico é transmitido que é diferente, mas todo o cotidiano vivenciado pelos seguidores de Krishna aqui no Brasil não é o mesmo da Índia Antiga, por mais que desejem e assim pensem e se esforcem seus agentes. É, sem dúvida, uma nova realidade que precisa ser conhecida, interpretada e respeitada.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando a história do Movimento Hare Krishna não só na Paraíba, mas no Brasil, observamos o esforço de alguns indivíduos que deixaram de lado a própria noção de “indivíduo” para viverem a noção de comunhão com o semelhante. Homens como A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupāda, que abdicaram de sua própria vida para peregrinar onde quer que fosse divulgando sua crença: a razão de viver encontrada no auto conhecimento, proporcionando a paz interior.

Para os devotos do Movimento Hare Krishna, o sentido real da vida está na compreensão da realidade a respeito de si mesmo e o equilíbrio desta verdade com a busca da paz ao seu meio, buscando viver com uma mente limpa, à parte de todo e qualquer tipo de prazer que gere escravidão, ocupando-se na verdadeira atividade da vida: a auto-realização espiritual.

A auto-realização de um devoto hare krishna é plenamente manifestada na compreensão de que aquele que está vivo deve servir eternamente à Deidade. Dedicando todas as atividades espirituais e materiais ao serviço de Krishna, servindo-O diretamente e cantando Seus nomes, os que o seguem chegarão à perfeição da vida.

O exemplo da busca por fazer-se conhecido mostra a crença dos devotos do Movimento de que há esperança para responder ao que acreditam ser o ápice do caos moral, observado na sociedade por meio da violência, prostituição e demais crimes contra o próximo e contra si mesmo. Ao abrir mão do conforto do seu lar e partir em direção a lugares desconhecidos simplesmente por pretender trazer uma mensagem de paz, nos mostra que há homens interessados no outro, ainda que deixando de lado o “eu” para que tal propósito seja alcançado.

Quer esteja subindo escadarias para pagar promessas ao seu santo, quer prostrado em direção à cidade de Meca todos os dias à mesma hora ou cantando mantras ao som de címbalos procurando alegrar as Deidades. A maneira como o fiel expressa sua devoção é o que menos importa. O erro ao qual não se pode incorrer é o de, crendo estar numa espécie de degrau espiritual mais elevado, o indivíduo ou grupo

agir de maneira intolerante em relação ao outro, como por diversas vezes a mídia tem noticiado conflitos que se iniciam devido às conhecidas celeumas religiosas.

Que estejam em busca da sua comunhão religiosa, contanto que se cumpra o ideal pregado como a finalidade real de toda busca devocional: o amor, fazendo com que o fiel nasça espiritualmente de novo a cada dia para que continuamente tenha condições de olhar o outro que crê de maneira diferente com respeito e tolerância, ainda que discordante, refletindo o contato que se afirma ter com o Divino.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. São Paulo: FGV, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CIALDINI, Robert B. **O Poder da Persuasão**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

CRAWFORD, Robert. **O Que é Religião**. Petrópolis: Vozes, 2005.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa: O Sistema Totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulus, 1989.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FALCÃO, Waldemar. **O DEUS de cada um**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

GUERRIERO, Silas. O Movimento Hare Krishna no Brasil: Uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. **Revista de estudos da religião**. São Paulo, n. 1, p. 44-56, 2001.

FILORANO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FERREIRA, Júlio Andrade. **Religião no Brasil**. Campinas: LPC, 1992.

GUERRIERO, S. **O Movimento Hare Krishna no Brasil: A Comunidade Nova Gokula**. São Paulo: PUC/SP, 2001.

GEISLER, Norman L. **Enciclopédia Apologética**. São Paulo: Vida, 2002.

KALYAMA, Acharya. **Yoga: repensando a tradição**. São Paulo: IBRASA, 2003.

KNOTT, Kim. **ISKCON Communications Journal: Uma Teologia da Religião**, v. 1, n. 1, 1986.

KRIYANANDA, Swami. **A Essência do Bhagavad Gita**. São Paulo: Pensamento, 2007.

KUCHENBECKER, Valter. **O homem e o sagrado: a religiosidade através dos tempos**. Canoas: ULBRA, 1998.

LUKES, Steven. **Émile Durkheim: su vida y su obra**. Madrid: Siglo XXI/CIS, 1984.

MAYER, Jean-François. **Novas seitas: Um novo exame**. São Paulo: Loyola, 1989.

MATHER, George A.; NICHOLS, Larry A. **Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo**. São Paulo: Agir, 1993.

MCDOWELL, Josh; STEWART, Don. **Um Manual das Religiões de Hoje**. São Paulo: Candeia, 1996.

NEEDLEMAN, Jacob; BAKER, George. **The New Religious Consciousness**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1976.

NODA, Jorge Issao. **Somos Deuses?**. João Pessoa: Fiacoli Gráfica, 1997.

Os Vedas e sua importância. Goiânia: **Revista Renascença**, v. 2, n. 2, p. 3-12, 2004.

PIAZZA, Waldomiro O. **Religiões da Humanidade**. São Paulo: Loyola, 1991.

POSSEBON, Fabrício. **Curso Básico de Sânscrito: prathamam padam**. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2009.

\_\_\_\_\_. **RIG-VEDA: A Sabedoria das Estrofes**. João Pessoa: Idéia/ Editora Universitária- UFPB, 2006.

PRABHUPĀDA, Bhaktivedanta Swami. **Ciência da Auto-Realização**. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1986.

\_\_\_\_\_. **Bhagavad Gita: A Sublime Canção**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

\_\_\_\_\_. **Srī Isopanisad**: São Paulo: BBT, 1999.

\_\_\_\_\_. **A suprema personalidade de Deus**. São Paulo: BBT, 1977.

SIQUEIRA, Deis; LIMA, Ricardo Barbosa. **Sociologia das Adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

TILGHMAN, B.R. **Introdução à Filosofia da Religião**. São Paulo: Loyola, 1994.

VILLELA, Fabio Renata. **Deusas e Deuses Hindus**. São Paulo: Biblioteca 24x7, 2008.  
WEBER, Max. **Economia e sociedade: Fundamentos da Sociologia compreensiva**. v. 1, Brasília: Editora da UNB, 1991.

**Endereços eletrônicos consultados:**

1- Disponível em: <[http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/julho05/pdfs/julho2005\\_04.pdf](http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/julho05/pdfs/julho2005_04.pdf)>. Acesso em: 23 maio 2007.

2- Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/res/res18.htm>>. Acesso em: 23 maio 2007.

3- Disponível em: <<http://www.seminario.iskcon.com.br/seminario.htm#pqcampgrande>>. Acesso em: 31 jul. 2007.

4- Disponível em: <<http://pt.krishna.com/main.php?id=12>>. Acesso em: 31 jul. 2007.

5- Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2001/p\\_guerri.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2001/p_guerri.pdf)>. Acesso em: 31 jul. 2007.

6- Disponível em: <<http://www.dswami.com.br/query/home>>. Acesso em: 31 jul. 2007.

7- Disponível em: <<http://pt.krishna.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2007.

8- Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento\\_Hare\\_Krishna](http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Hare_Krishna)>. Acesso em: 31 jul. 2007.

9- Disponível em: <<http://www.goura.com.br/raizes.htm>>. Acesso em: 31 jul. 2007.

10- Disponível em: <<http://www.harekrishnarj.com.br/>>; Acesso em: 31 jul. 2007.

11- Disponível em: <<http://www.iskconirm.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2007.

12- Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Vishnu>>. Acesso em: 31 jul. 2007.

13- Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI17627-15228,00- HARE+KRISHNA+VERSAO+LIGHT.html>>; Acesso em: 19 de agosto de 2009.

14- Disponível em: <<http://www.linguagensanscrita.pro.br/conhecendo.shtml>>; Acesso em: 31 de agosto de 2009.

15- Disponível em: <[http://www.pucsp.br/nunes/Revista12/nures12\\_silas.pdf](http://www.pucsp.br/nunes/Revista12/nures12_silas.pdf)>; Acesso em: 31 de agosto de 2009.

16- Disponível em: <<http://harekrishna.org.br/modules/news/article.php?storyid=335>>; Acesso em: 12 de dezembro de 2009.

17- Disponível em: <<http://www.novagokula.com.br/novagokula/depoimentos.php?id=9>>; Acesso em: 12 de dezembro de 2009.

18- Disponível em: <<http://www.pswami.com.br/vraja/vraja3.html>>; Acesso em: 12 de dezembro de 2009.

19- Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/religiao/hare-krishna>>; Acesso em: 9 de junho de 2010.

20- Disponível em: <<http://www.gita.ddns.com.br/hinduismo/avatara.php>>; Acesso em: 9 de junho de 2010.

21- Disponível em: <<http://www.kailas.com.br>>; Acesso em: 9 de junho de 2010.

22- Disponível em: <<http://namahatta.org>>; Acesso em: 19 de julho de 2010.

23- Disponível em: <[http://www.telugupedia.com/wiki/index.php?title=List\\_of\\_Hindu\\_temples](http://www.telugupedia.com/wiki/index.php?title=List_of_Hindu_temples)>; Acesso em: 19 de julho de 2010.

24- Disponível em: < <http://www.instablogsimages.com>>; Acesso em: 19 de julho de 2010.